

**FACULDADE DE ARQUITECTURA**  
UNIVERSIDADE TÉCNICA DE LISBOA



# O LUGAR ONDE HABITA A ARTE

Habitar a arte que habita. Formas contemporâneas de apropriação numa  
residência de artistas.



**SOFIA MARIA ESTRELA CONDE E SILVA**

Projecto/ Dissertação para obtenção do grau de Mestre em  
**ARQUITECTURA**

Orientador Científico: Professor Doutor José Aguiar

Co-orientador: Professor Arquitecto António Pedro Pacheco

Jurí:

Presidente: Professora Doutora Alexandra Quintas

Vogal: Professor Doutor António Lobato Santos

Lisboa, FAUTL, Março de 2012

**FACULDADE DE ARQUITECTURA**

UNIVERSIDADE TÉCNICA DE LISBOA



# O LUGAR ONDE HABITA A ARTE

Habitar a arte que habita. Formas contemporâneas de apropriação numa  
residência de artistas.

**SOFIA MARIA ESTRELA CONDE E SILVA**

Projecto/ Dissertação para obtenção do grau de Mestre em

**ARQUITECTURA**

Orientador Científico: Professor Doutor José Manuel Aguiar Portela da Costa

Co-orientador: Professor Arquitecto António Pedro Moreira Pacheco

Jurí:

Presidente: Professora Doutora Maria Alexandra Salgado Ai Quintas

Vogal: Professor Doutor António José Damas da Costa Lobato dos Santos

Lisboa, FAUTL, Março de 2012





*Para a minha família.*





Faculdade de Arquitectura  
Universidade Técnica de Lisboa

## O LUGAR ONDE HABITA A ARTE

Habitar a arte que habita. Formas contemporâneas de apropriação numa  
residência de artistas.

**Autora:** Sofia Maria Estrela Conde e Silva

**Orientador Científico:** Professor Doutor José Aguiar

**Co-orientador:** Professor Arquitecto António Pedro Pacheco

**Mestrado Integrado em Arquitectura**

Lisboa, FAUTL, Março de 2012

## RESUMO

A presente dissertação tem como tema *“O Lugar onde Habita a Arte – Habitar a arte que habita. Formas contemporâneas de apropriação numa residência de artistas”* e centra-se numa reflexão sobre o lugar da casa enquanto espaço para a criação artística materializando-se numa proposta arquitectónica localizada na Frente Ribeirinha da zona de Belém.

A proposta parte de uma oportunidade de explorar alguns temas associados ao lugar de Belém que sugerem um enfoque sobre questões culturais e artísticas assim como de revitalização de espaços com um carácter histórico e patrimonial muito expressivo.

No desenvolvimento deste trabalho procura-se explorar e compreender conceitos que permitem inscrever a produção artística no domínio da casa através da interpretação e definição do significado de lugar, habitar, casa, apropriação, *atelier* e criação artística. Neste sentido, propõe-se conjugar estas noções traduzidas pela análise de exemplos marcantes desta “tipologia” de casa-*atelier*, como por exemplo o *loft* nova-iorquino.

Ensaia-se a aplicabilidade destas reflexões num desenho de projecto cujo processo incorpora uma aceção de alguns dos temas da Arquitectura aqui desenvolvidos, procurando responder aos problemas colocados materializando-se num complexo que integra uma residência para artistas e outros equipamentos que suportam esta vivência.

**Palavras-chave:** Lugar, Habitar/Trabalhar/Criar, Casa, Apropriação, *Atelier*, Arquitectura/Arte.







Faculdade de Arquitectura  
Universidade Técnica de Lisboa

## THE PLACE WHERE ART DWELLS

To dwell the dwelling art. Contemporaneous forms of appropriation in an artists' residence.

**Author:** Sofia Maria Estrela Conde e Silva

**Scientific Adviser:** Professor Doutor José Aguiar

**Co-adviser:** Professor Arquitecto António Pedro Pacheco

**Master in Architecture**

Lisbon, FAUTL, March 2012

## ABSTRACT

The theme of this dissertation – “*The place where art dwells – to dwell the dwelling art – Contemporaneous forms of appropriation in an artists' residence*” – focuses on a reflection about the role of the dwelling place as a space for artistic creation, to be materialized in an architectural proposal located in the waterfront near Belém.

The proposal emerges from the opportunity of exploring some themes associated to this site, which suggest an outlook about cultural and artistic issues as well as the revitalization of spaces with a deeply meaningful historical and patrimonial character.

The development of this work aims at exploring and understanding concepts that allow inscribing the artistic production in the dwelling domain through the interpretation and definition (comprehension) of place, inhabiting, home, appropriation, *atelier* and artistic creation. Bearing these concepts in mind the purpose is to conjoin these notions brought out by the analysis of significant examples of this “typology” of studio-apartment, *e.g.* the New York loft.

The applicability of these reflections is essayed through the conception of a project whose process incorporates an acceptance of some themes of Architecture developed hereby, in an attempt to respond to the arisen questions through the building of a complex that integrates a residence for artists and other facilities to support this living with art.

**Key-words:** Place, Inhabit/Work/Create, House, Appropriation, *Atelier*, Architecture/Art.



## ÍNDICE

RESUMO .....	I
ABSTRACT.....	III
ÍNDICE .....	V
ÍNDICE DE IMAGENS .....	VII
1. INTRODUÇÃO.....	1
1.1. Objecto, enquadramento e justificação do tema .....	1
1.2. Estado da arte.....	2
2. O LUGAR – PERMANÊNCIA E CONSTRUÇÃO DO ESPAÇO .....	5
3. (O) HABITAR (E) A CASA.....	9
3.1. Significado de habitar - etimologia.....	9
3.2. Enquadramento histórico: modernismo e contemporaneidade.....	10
3.3. A casa – dimensões do conceito .....	13
3.4. A tipologia do <i>loft</i> – a representação de um habitar .....	17

4.	A CASA ENQUANTO ATELIER E (O) LUGAR DO ACTO CRIATIVO.....	21
4.1.	Habitar a arte que habita – o casulo criativo .....	21
4.2.	A casa-atelier (o lugar), o artista (o habitante) e a obra (a arte).....	22
4.3.	Habitar/ criar/ expor - a dimensão pública da arte, a dimensão pública do privado 24	
4.4.	Casos de estudo .....	27
4.4.1	Quantum I, Antony Gormley's Studio .....	29
4.4.2	Red Bull House of Art .....	31
4.4.3	Songzhuang Artist Residence .....	33
4.4.4	Kivik Art Centre.....	35
5.	MEMÓRIA CRÍTICA DE PROJECTO.....	37
5.1.	Contexto e disposição do lugar .....	37
5.1.1	Enquadramento do existente – causas urbanas .....	37
5.1.2	Análise diagnóstica: problemas e potenciais.....	39
5.2.	Proposta de projecto.....	40
5.2.1	Desenho da escala urbana .....	40
5.2.2	Narrativa do projecto .....	42
6.	CONCLUSÃO.....	49
7.	BIBLIOGRAFIA .....	IX
8.	ANEXO I – DESENHOS TÉCNICOS.....	XIII
9.	ANEXO II – FOTOGRAFIAS DAS MAQUETES.....	XV

## ÍNDICE DE IMAGENS

- Imagem 1:** Disposição dos trabalhos de Warhol no seu atelier. Créditos: Billy Name. Andy Warhol, 1967.  
Referência: A Boa vida, Iñaki Ábalos, 115p..... 19
- Imagem 2:** Andy Warhol no seu atelier a "Factory". Créditos de Jon Naar, The Silver Factory, Nova Iorque, 1965.  
Disponível em: <http://jonnaar.com/images/portfolio/editorial/Andy-Warhol-2.jpg>..... 19
- Imagem 3:** Gutter Corner Splash - Night Shift, Richard Serra, 1968-1995, escultura em bronze, New York. (48.26 cm x 274.32 cm x 454.66 cm); Collection SFMOMA, Gift of Jasper Johns; © Richard Serra / Artists Rights Society (ARS), disponível em: <http://www.sfmoma.org/explore/collection/artwork/278#>. ..... 23
- Imagem 4:** Antony Gormley's studio, exterior do atelier. Disponível em: <http://www.galvanizing.org.uk/assets/osca5/generalImage/2004/.700x526/David-Chipperfield---gormley-stu.jpg>..... 29
- Imagem 5:** Antony Gormley's studio, escada exterior que leva aos pisos superiores. Disponível em: <http://velochick.files.wordpress.com/2008/07/bikegormley3.jpg>..... 30
- Imagem 6:** Antony Gormley's studio, interior do atelier – nave. Disponível em: <http://winterwijs.files.wordpress.com/2010/05/gormley-studio-london03.jpg>..... 30
- Imagem 7:** Red Bull House of Art, depósito de água da LX Factory reconvertido. Créditos: Pauliana Pimentel, 2011.  
Disponível em: [http://www.redbull.pt/cs/Satellite/pt\\_PT/Gallery/UM-DIA-COM-JORGE-MACIEL/Red-Bull-House-of-Art---Jorge-Maciel-021242976608486?GImageId=1242976577490#/image-16](http://www.redbull.pt/cs/Satellite/pt_PT/Gallery/UM-DIA-COM-JORGE-MACIEL/Red-Bull-House-of-Art---Jorge-Maciel-021242976608486?GImageId=1242976577490#/image-16) ..... 31

<b>Imagem 8:</b> Red Bull House of Art, casa-atelier. Créditos: Pauliana Pimentel, 2011. Disponível em: <a href="http://www.redbull.pt/cs/Satellite/pt_PT/Gallery/UM-DIA-COM-JORGE-MACIEL/Red-Bull-House-of-Art---Jorge-Maciel-021242976608486?GImageId=1242976577490#/image-10">http://www.redbull.pt/cs/Satellite/pt_PT/Gallery/UM-DIA-COM-JORGE-MACIEL/Red-Bull-House-of-Art---Jorge-Maciel-021242976608486?GImageId=1242976577490#/image-10</a> .....	31
<b>Imagem 9:</b> Red Bull House of Art, interior – espaço de habitar. Disponível em: <a href="http://kwame-vf.s3.amazonaws.com/wp-content/uploads/2011/04/PP_01032011RBHASlot1_0032.jpg">http://kwame-vf.s3.amazonaws.com/wp-content/uploads/2011/04/PP_01032011RBHASlot1_0032.jpg</a> .....	32
<b>Imagem 10:</b> Red Bull House of Art, interior – zona de trabalho. Disponível em: <a href="http://www.redbull.pt/cs/RedBull/RBImages/000/000/249/395/photo960x540/1.JPG">http://www.redbull.pt/cs/RedBull/RBImages/000/000/249/395/photo960x540/1.JPG</a> .....	32
<b>Imagem 11:</b> Complexo de Songzhuang do grupo de arquitectos DnA. Créditos: Savoye / Ruogu Zhou, Iwan Baan. Disponível em: <a href="http://cdn.archdaily.net/wp-content/uploads/2009/09/1253195441-neo-img-dna-songzhuang-artist-residence.jpg">http://cdn.archdaily.net/wp-content/uploads/2009/09/1253195441-neo-img-dna-songzhuang-artist-residence.jpg</a> .....	33
<b>Imagem 12:</b> Songzhuang Residence, interior de uma habitação. Créditos: Savoye / Ruogu Zhou, Iwan Baan. Disponível em: <a href="http://put.edidomus.it/domus/binaries/_imagedata/big_200791_1652_dna_songzhuang_res_8382_big.jpg">http://put.edidomus.it/domus/binaries/_imagedata/big_200791_1652_dna_songzhuang_res_8382_big.jpg</a> .....	34
<b>Imagem 13:</b> Songzhuang Residence, espaço exterior. Créditos: Savoye / Ruogu Zhou, Iwan Baan. Disponível em: <a href="http://put.edidomus.it/domus/binaries/_imagedata/big_200791_4411_dna_songzhuang_res_8655_big.jpg">http://put.edidomus.it/domus/binaries/_imagedata/big_200791_4411_dna_songzhuang_res_8655_big.jpg</a> ..	34
<b>Imagem 14:</b> Songzhuang Residence, pátio exterior coberto. Créditos: Savoye / Ruogu Zhou, Iwan Baan. Disponível em: <a href="http://cdn.archdaily.net/wp-content/uploads/2009/09/1253195435-neo-img-dna-songzhuang-res-8872.jpg">http://cdn.archdaily.net/wp-content/uploads/2009/09/1253195435-neo-img-dna-songzhuang-res-8872.jpg</a> .....	34
<b>Imagem 15:</b> Projecto de David Chipperfield, 2008. Disponível em: <a href="http://www.designboom.com/tools/WPro/images/rid12/dc2.jpg">http://www.designboom.com/tools/WPro/images/rid12/dc2.jpg</a> .....	36
<b>Imagem 16:</b> Instalação de Antony Gormley – Standing Matter, 2008. Créditos: Gerry Johansson. Disponível em: <a href="http://www.kivikart.se/bilder/A_Gormley_Standing_Matter_1.jpg">http://www.kivikart.se/bilder/A_Gormley_Standing_Matter_1.jpg</a> .....	36
<b>Imagem 17:</b> Ortofotomapa, enquadramento do terreno de projecto.....	37
<b>Imagem 18:</b> Perfil do património de Belém.....	38
<b>Imagem 19:</b> Evolução da área da Cordoaria Nacional.....	38
<b>Imagem 20:</b> Esquemas de espaços verdes, densidade e escala urbana.....	39

Imagem 21: Planta de implantação .....	42
Imagem 22: Esquema do conceito de casa.....	44
Imagem 23: Axonometria .....	45
Imagem 24: Esquema tipologias residência.....	46
Imagem 25: Vista perspectivada das residências .....	47





## 1. INTRODUÇÃO

### 1.1. Objecto, enquadramento e justificação do tema

O objecto desta dissertação de Projecto Final de Mestrado inscreve-se numa temática lançada no 9º semestre no âmbito da disciplina de Projecto e enquadra-se numa área da Frente Ribeirinha de Lisboa, mais especificamente na zona de Belém.

Os temas urbanos propostos incentivavam a uma reflexão sobre as questões da cidade enquanto sistema que contém em si um palimpsesto de extractos de história e memória que formam a dimensão simbólica e constitutiva de uma cidade. Operar sobre a cidade é actuar sobre o construir no construído e interpretar as suas camadas modificando, transformando e gravando na sua superfície novas impressões de um tempo, de uma sociedade e de uma cultura. Desta forma, revitalizar e requalificar um território passa por compreender e reinterpretar a origem da sua morfologia urbana num desenho de cidade que lidando com pré-existências as resignifica e reinventa, num sentido de dar ou encontrar um novo significado, materializando novas arquitecturas e intervenções sobre os espaços públicos e privados e também novas relações do habitar contemporâneo.

No âmbito do território de Belém enquadra-se ainda a temática da cidade cultural que sugere uma reflexão acerca do que a troca artística significa: estabelecer relações e diálogos. Assim, identificam-se os parâmetros que justificam a pertinência de uma procura e de um estudo acerca de um tema arquitectónico que reflecte sobre a relação entre Arquitectura e Arte e a forma como estas se influenciam mutuamente e como se inscrevem na cidade procurando requalificar tanto as interacções ao nível do espaço público como as relações que se desenvolvem num espaço arquitectónico de criação artística.

Discutir Arquitectura e Arte é procurar compreender como a arquitectura deixa a arte acontecer e quais são as condições básicas que a cidade e a arquitectura podem oferecer à prática artística contemporânea e o que isso interfere quando se pensa arquitectura.

O título “O lugar onde habita a arte” introduz à partida três conceitos importantes: o lugar, o habitar e a arte, conceitos estes que se conjugam numa reflexão sobre a vivência e interações que se experimentam num espaço que permite simultaneamente habitar e criar, pretendendo-se então questionar o conceito de habitar, num espaço histórico e evocativo de memórias, uma *casa/ atelier/ studio* que se assume como uma plataforma de criação e produção artística.

Evocando os temas abordados, e acima explicitados, desenha-se o limite e contornos da reflexão que aqui se desenvolve que tem como objectivo a procura e compreensão de uma ideia de casa onde a arte habita(e).

A reflexão e desenvolvimento dos temas apresentam-se numa estrutura que organiza três conceitos já enunciados pelo título do documento. No primeiro capítulo procura-se objectivar o conceito de lugar naquilo que determina onde o Homem permanece e o define enquanto construção do espaço. A segunda parte corresponde à compreensão do significado de habitar e de casa, na qual se discorre acerca das formas do habitar contemporâneo e os modos de apropriação do Homem. O exemplo apresentado no final deste segundo capítulo actua como charneira para o capítulo seguinte introduzindo a noção de *loft* que materializa um exemplo de *casa/ atelier* marcante na sua época e que ecoa actualmente como um modo remarcável de apropriação da arte. No terceiro capítulo articula-se a ideia de casa com o *atelier* numa relação que coloca em evidência a casa enquanto lugar, o artista enquanto habitante e a obra de criação enquanto arte.

## 1.2. Estado da arte

Os referentes teóricos que suportam esta reflexão constroem uma narrativa que através da definição de vários conceitos se articulam procurando compreender o que significa habitar a arte e uma arte que habita.

Neste sentido invocam-se autores que, numa primeira instância, definem habitar, como por exemplo Heidegger que incide na questão do Construir, Habitar, Pensar (*Bauen, Wohnen, Denken*) e o define como a forma de o homem estar/ser na sua essência.

Autores como Delfim Sardo, José Mateus e Siza Vieira são citados enquadrando a temática da casa como representação do habitar e enquanto função e raiz primordial de abrigo e protecção do homem. Ainda inerentes à casa, enquanto construção física, psicológica e social, analisam-se os modos desta criar e estabelecer relações tais como questões do interior/exterior, do público/privado e do individual/colectivo invocadas por Luís Santiago Baptista e Pedro Pacheco.

No âmbito da reflexão sobre o espaço de criação e exposição de arte, Olafur Eliasson lança algumas questões referentes à necessidade de repensar e reconhecer a proximidade entre o acto criativo e a produção da obra de arte na sua relação com o espaço de exposição. Deste pensamento é importante reter a ideia de que é importante considerar a associação do *atelier* de trabalho a espaços de habitação temporária e à área de museu reunidos em espaços que permitam também a interacção ao nível público de experimentação e *performance* artística. Os casos de estudo aqui analisados conformam e completam esta reflexão no sentido em que representam exemplos projectuais dos temas desenvolvidos, por um lado pelas questões programáticas que inscrevem, por outro pelas decisões arquitectónicas que materializam numa narrativa exemplar da poética do espaço.



## 2. O LUGAR – PERMANÊNCIA E CONSTRUÇÃO DO ESPAÇO

O espaço natural, desde a era primordial até à actualidade, tem sido continuamente modificado e adaptado pelo homem a fim de responder às suas necessidades de habitar, pelo que a conceptualização da casa e a sua contextualização tem igualmente sido objecto de variadas configurações como conteúdo da Arquitectura enquanto disciplina (re)criadora e organizadora de espaços. Acompanhando a evolução do Homem como protagonista desse habitar, os mais recentes espaços arquitectónicos contemporâneos superam funcional e conceptualmente o âmbito original de protecção e de abrigo.

Falar de lugar é reconhecer a construção do espaço por sujeitos sociais que se associam a um território fundando o seu próprio lugar na dimensão envolvente desse espaço. Ao ocupar um lugar o homem particulariza essa fracção de espaço, individualizando-o, organizando-o à sua maneira e estruturando-o socialmente. O espaço é organizado e construído socialmente de modo a permitir formas de comunicação, ambientes, que dêem resposta às necessidades do homem. Os lugares não têm, pois, uma dimensão única de materialidade geométrica. Eles estão inculcados de elevada apreciação psicológica, já que, enquanto aceites como produtos sociais, são vivenciados pelo indivíduo que não os apreende objectivamente, antes sim os dimensiona à medida da sua individualidade, atribuindo-lhes uma avaliação pessoal e subjectiva. *“Os espaços tornam-se locais quando estão ligados a pessoas, ganham significado psicológico e implicam o decurso de actividades”*<sup>1</sup>.

---

1. ALTMAN; ROGOFF. 1987, in: Carlos Barracho e Maria João Dias. *O Espaço e o Homem – Perspectivas Multidisciplinares*. Lisboa, Edições Sílabo, 2010.

Ocupar um lugar, independentemente da extensão temporal ou espacial, é assegurar e constituir presença num local. Esta presença vai enformar o espaço – em função da configuração que essa mesma presença assumir – e, simultaneamente, o tempo “ocupado” por esse estar presente.

*“Estas duas coordenadas equacionadas conjuntamente e pela mesma operação são absolutamente indissociáveis: para que o sujeito seja espacialmente localizável é preciso que esteja presente em qualquer parte, que esteja lá; e para que ele lá esteja presente, é preciso que ele aí permaneça durante uma certa fracção de tempo (...)”<sup>2</sup>. Esta permanência leva à construção de um espaço vivido, fruto da combinação de uma imagem mental desse espaço com todas as suas características e da apropriação desse mesmo espaço. Para Carlos Nogueira uma “ (...) palavra que me é fundamental é a palavra permanência e a construção do que quer que seja será tanto mais permanente se pertencer, intrinsecamente, ao lugar”<sup>3</sup>.*

Na sociedade contemporânea falar de lugar assume uma dimensão complexa, já que deverão ser tomadas em conta as demarcações do espaço territorial do novo cenário global sobre o qual o homem de hoje se posiciona. A “identidade localizável” de cada indivíduo tende a fragmentar-se devido à globalização. Fronteiras físicas e culturais desvanecem-se, favorecendo a criação de novas territorializações, de novos lugares. A individualidade do homem contemporâneo foi atomizada e encontra-se dispersa numa pluralidade de lugares. O homem, deste modo, deixa de ser um indivíduo central para ser um produto disperso, social.

As fronteiras que separa(va)m lugares distintos flexibilizam-se, tornam-se fluidas, permitindo o contacto com o outro e com o diferente e, conseqüentemente, propiciando permutas culturais que deslocalizam os referentes originais. O lugar ganha assim uma nova configuração o que vai obrigar cada comunidade a refazer as suas interpretações de pertença e de permanência. O novo território deste contexto contemporâneo deixa de ser conceptualizado em termos de estável para passar a ser entendido como mutável. A permanência, como atitude rígida e resistente, adere a uma dinâmica de fuga e de partilha.

---

2 RADKOWSKI, Georges-Hubert. *Anthropologie de l'habiter: vers le nomadisme*. Paris: PUF, 2002.

3 NOGUEIRA, Carlos. in SARDO, Delfim (ed.), *Falemos de Casas: entre o Norte e o Sul*. Lisboa: Athena, 2010.

O lugar acolhe agora não apenas a relação do homem com o seu próprio mundo, mas também a relação do homem com o outro. Para Ábalos *“O homem já não é mais um produto individual de significados, mas sim um conglomerado heterogéneo, com perfis desvanecidos, um movimento, uma entidade variável e dispersa, cuja verdadeira identidade e cujo verdadeiro lugar se constituem nas práticas sociais.”*<sup>4</sup>. A nova identidade do homem perante a pluralidade afirma-se mais aberta e colectiva no novo lugar – o lugar é então o espaço vivido. No mundo contemporâneo, em que a mobilidade propicia o intercâmbio e a coexistência num mesmo tempo e num mesmo lugar, de culturas anteriormente confinadas, impõe-se repensar o sentido do lugar como espaço vivido. A troca e partilha estabelecidas pelo contacto e pela abertura – e não pelo isolamento – permitem transculturações enriquecedoras de uma nova identidade social.

Este lugar de abertura e de contacto assume um peso significativo no corpo desta dissertação. Como anteriormente foi referenciado, este lugar implicará que o homem aí permaneça e desenvolva um sentido de pertença visualizando esse espaço como algo que lhe é próprio a fim de potenciar toda a actividade que aí venha a desenvolver. Assume-se este projecto, então, como uma responsabilidade dupla de construção – construir um lugar que por sua vez assegurará a permanência, habitacional e laboral, a um habitante da vertente artística intrinsecamente identificado com esse lugar como *locus* da sua criação – o lugar onde habita a arte.

O lugar, ao sustentar a complexidade das coisas e fundar a relação entre o homem e a história, integra uma síntese de vivências e de registos. Neste contexto o lugar parece envolver-se numa mística poética. Na verdade, considerando a relação do corpo com o espaço, o edifício não é o único lugar arquitectónico. Assim, todo o contexto é arquitectura. Pedro Pacheco afirma a inevitabilidade da correlação casa-lugar já que *“cada casa implica sempre a escolha e inscrição num determinado lugar”*<sup>5</sup> e para Carlos Nogueira *“a casa é o abrigo, é o guarda-jóias da vida. É impossível construir o que quer que seja sem haver uma percepção atenta, cuidada, das características de um lugar. Isto porque o lugar já ensina o que vai nascer. E mais, é a única forma de dizer que aquilo que vai nascer pertence ao lugar”*<sup>6</sup>.

---

4 ÁBALOS, Iñaki. A boa-vida. Visita guiada às casas da modernidade. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 2003.

5 PACHECO, Pedro. in SARDO, Delfim (ed.), Falemos de Casas: entre o Norte e o Sul. Lisboa: Athena, 2010

6 NOGUEIRA, Carlos, in SARDO, Delfim (ed.), Falemos de Casas: entre o Norte e o Sul. Lisboa: Athena, 2010

Particularmente pressionado pela realidade social contemporânea, o arquitecto deverá projectar lugares que favoreçam o diálogo entre o eu e o outro, que assegurem uma relação entre aquele que cria e aquele que os usa. Não basta criar o invólucro, o casulo onde as acções irão decorrer; é necessário recriar essas acções e a vontade de quem o irá habitar antevendo uma interacção positiva, aberta e dialogante. A Arquitectura, como (re)criadora de espaços, constrói lugares onde o habitar se substancializa. A casa, como um dos lugares dessa substancialização, disponibiliza um suporte presencial do homem com o espaço e com o tempo, providenciando igualmente a sua relação identitária com a especificidade desse lugar, palco de memórias e de projecções.



### 3. (O) HABITAR (E) A CASA

#### 3.1. Significado de habitar - etimologia

O significado básico de habitar centra-se na permanência, no estar num lugar, entendendo-se o lugar do hábito a habitação. O étimo latino *habitare*, como frequentativo do verbo *habere* (ter), veiculava a ideia de ter muitas vezes, ter presença como hábito, permanecer, fazer com reiteração a mesma coisa no mesmo lugar, pelo que habitar pode ser entendido como um acto que se desenvolve repetitivamente num determinado lugar onde se permanece.

Martin Heidegger sustentou a sua argumentação sobre o sentido do habitar recorrendo à etimologia dos três vocábulos alemães que considerava definirem o suporte e a filosofia do habitar – *bauen*, *wohnen*, *denken* (construir, habitar, pensar)<sup>7</sup>. O termo *bauen* que quer dizer construir advém de *buan* (alto alemão) que significava habitar, vedar, cuidar e de *bhu* (indo-germânico): ser/estar. O termo *wohnen* tem raiz em *wun* (gótico) que significava permanecer, ocupar muitas vezes, estar em sossego, em paz, ser/estar feliz.

Estas noções permitem estabelecer uma identificação do conceito habitar com o conceito ser/estar. Com base na sua reflexão semântica e filosófica, Heidegger agrega construir e habitar numa sinonímia, acrescentando e incorporando ainda ao conceito de

---

<sup>7</sup> HEIDEGGER, Martin. “Vorträge und Aufsätze, Günther Neske Pfullingen” in Neue Darmstädter Verlagsanstalt. Colóquio de Darmstadt II – Homem e Espaço. Darmstadt, 1951.

habitar a forma do homem estar. Na medida em que abriga, protege e cuida, a casa, como representação do habitar, pretende preservar o homem na sua essência.

Gera-se naturalmente uma linguagem de relacionamento entre o habitar e o homem interior, linguagem que permite e justifica o levantamento de questões, de reflexões. É necessário repensar a casa enquanto conceito, compreender e aprender a habitá-la. A essência do homem será tanto mais preservada, se ela for pensada. Igualmente suportado pela máxima cartesiana, pensar – “operar com o espírito”, “*cogitare*”, distintivo do Homem enquanto ser – certifica o seu estar (*Dasein*) que deverá decorrer nos parâmetros de bem-estar, de felicidade contidos e previstos no antigo *wun*.

### 3.2. Enquadramento histórico: modernismo e contemporaneidade

Percepcionar uma casa é percepcionar o homem, a sociedade e o tempo numa relação de interdependência e causalidade que necessariamente modelam a resposta arquitectónica. O tema da habitação surge da necessidade de reflexão sobre o significado da casa contemporânea, das novas formas de viver, de apropriar o espaço privado e o espaço público, e de repensar os modelos tradicionais do modernismo que, baseados em organigramas funcionais, determinaram a grande maioria da habitação construída no século XX.

No Movimento Moderno as formas arquitectónicas deveriam corresponder à função para que estavam previstas e a sua filosofia assentava numa percepção estruturada do espaço habitacional intrinsecamente funcional e útil. O modernismo arquitectónico, ao valorizar o aspecto funcional na configuração do espaço, apreendia, assim, uma significativa valência utilitária e social: “ (...) a modernidade baseia-se fundamentalmente na cultura do sólido, dos objectos e inertes e da geometria.”<sup>8</sup>.

---

8 HOSOE, Isao. “Habitar fluido” in: *Do Habitar*. Maria Milano (coord.). 1ª Ed. Matosinhos: ESAD (Escola Superior de Artes e Design), 2005. 109 p.

A casa da modernidade definia-se por tipologias funcionais e pela sua forma compartimentada que limita uma determinada estruturação e organização social. Concebida em função dos ideais de forma-função o habitar moderno pautava-se por cânones de previsibilidade conducentes a imutabilidades. Esta casa acolhia uma organização familiar exemplar, a família modelo parte de um todo social mecanicamente esquematizado. Contudo, não se pode deixar de referir que a modernidade, que primava pela evolução, pelo desenvolvimento da máquina, se prendesse a concepções espaciais tão rígidas.

Actualmente a habitação procura reestruturar-se da ideia de objecto estável e permanente e responder às novas questões da vida contemporânea, da consciência de mudança e da constante evolução para uma alteração na percepção da casa.

Desde os anos sessenta que a sociedade – naturalmente evolutiva – tem empreendido novos modos de estar, aos quais necessariamente têm de corresponder novos modos de habitar. O habitar contemporâneo assenta “ (...) *estruturalmente numa ideia de comunidade de indivíduos e famílias, adaptado aos modos de vida metropolitanos das sociedades desenvolvidas, harmonizando de forma singular arquitectura e natureza, espaço interior e espaço exterior, tecnologia e paisagem, individualismo e socialização, etc.*”<sup>9</sup>.

A procura de novos padrões sociais e culturais justifica uma nova percepção da habitação contemporânea determinada pela necessidade de satisfazer, precisamente, novos modos e estilos de vida. A abordagem arquitectónica reage assim ao produto de uma ideologia habitacional moderna que não consegue responder à actualidade, dinamizada por ritmos mais complexos e muito diversificados. Assiste-se agora não só a uma sofisticação da sociedade em relação a novos horários de trabalho, a novos padrões e símbolos de conforto e de funcionalidade, como também à difusão de estilos de vida dos quais se pode destacar aqueles que combinam o trabalho e a vida familiar num mesmo espaço (o *studio-residence*, a *office-house*, o *loft*), a que acresce ainda a constante adaptação de antigos espaços não-residenciais para habitação.

O habitante do espaço arquitectónico apresenta uma nova identidade, uma nova forma de estar na sociedade e por isso o arquitecto confronta-se com novas concepções

---

9 SANTIAGO BAPTISTA, Luís. “Habitar Colectivo” in: *Arquitectura e Arte*. Nº57: Junho 2008. Lisboa: Futurmagazine Sociedade Editora. 11 p.

espaciais sobre as quais não deve deixar de reflectir para que respondam a um novo padrão social contemporâneo com múltiplas variantes.

Estas mudanças acontecem crescentemente ao nível da organização familiar, como por exemplo: a dissolução das estruturas familiares tradicionais – menos filhos no núcleo familiar, aumento das famílias monoparentais – e o foco no peso crescente da família nuclear e das pessoas que vivem sós afirmando a sua individualidade (os espaços de habitar tornam-se diferentemente codificados por indivíduos que coabitam mas que seguem ritmos e estilos de vida diferentes).

Outras mudanças acontecem a um nível global, decorrentes do fenómeno da mobilidade contemporânea que permite que se congreguem numa mesma estrutura habitacional diversas culturas que interpretam de forma diferente a ocupação e a relação com o espaço, privado ou público. A globalização implica a mobilidade, e o indivíduo que integrar esta mobilização terá necessariamente de redefinir o seu espaço enquanto pertença.

Os intercâmbios, as experiências formativas ou de investigação e as carreiras profissionais obrigam a outras, novas, formas de vivência nas sociedades actuais, que implicam uma modificação e adaptação constantes a estas novas solicitações clamando diferentes espaços e formas de habitar. *“Enquanto que para os nómadas o futuro é todo um roteiro que tem que se desfrutar a pouco e pouco durante o seu percurso, para os modernos sedentários o futuro é qualquer coisa que se tem de programar para reduzir ao mínimo” (Isao Hosoe, 2005)<sup>10</sup>*. Esta afirmação apresenta inequivocamente a diferença de “estares” na sociedade: a casa moderna alberga a família estável, sedentária, enquanto a contemporaneidade experimenta um nomadismo, uma mobilidade que requer outro pensar do habitat.

A casa contemporânea obriga-nos, ainda, a reinterpretar algumas das questões do habitar contemporâneo no que diz respeito à evolução e ao nível da influência das tecnologias de informação na organização das vivências e do espaço doméstico (a domótica e a casa inteligente). A casa pode vir a ser uma casa técnica, mecanizada, robotizada que actua como intermediária da relação do seu ocupante com os outros: “(...)

---

10 HOSOE, Isao. “Habitar fluido” in: Do Habitar. Maria Milano (coord.). 1ª Ed. Matosinhos: ESAD (Escola Superior de Artes e Design), 2005. 109 p.

*as tecnologias têm dado provas de poderem ampliar o sítio onde estamos e, ao mesmo tempo, de nos tornar instantaneamente presentes.” e tendem para a “ (...) erosão da distância, criando uma proximidade absoluta, hiperdensificando-se sobre o local”<sup>11</sup>. Nesse futuro o espaço habitacional privado vê atenuado o seu desígnio primário e a sua rigidez, e torna-se fluído, permissivo, moldável e colectivo: o público invade o privado e o privado propaga-se pelo espaço público “Constrói-se assim, com a introdução da burótica uma nova concha psicológica em redor do homem e os novos objectos e equipamentos definem uma outra paisagem interior, bem como novas topologias de comunicação”. (C. Barracho, 2010)<sup>12</sup>.*

### 3.3. A casa – dimensões do conceito

*“ A casa, parecendo projecto simples, é sempre o tema central, mais complexo e fascinante para um arquitecto (...) [isto] se deve ao facto de se tratar de uma abordagem à essência do ser humano, do viver em família, do entrar e trabalhar sobre o espaço da intimidade.”*

*José Mateus, 2010 13*

Como já foi referido, a casa, enquanto representação do habitar e da essência do homem, remete para uma necessidade de protecção e de ter um espaço próprio que o homem experimenta desde os mais primitivos momentos da sua vivência sobre a terra. Os seus hábitos, as vicissitudes da sua história, as suas necessidades e as suas formas de pensar são alguns dos factores que foram alterando necessariamente a sua maneira de entender e construir o habitar.

---

11 SANTIAGO BAPTISTA, L.; PACHECO, P. “Falemos de Casas... em Portugal” in SARDO, Delfim (ed.), *Falemos de Casas: entre o Norte e o Sul*. Lisboa: Athena, 2010. 96 p.

12 BARRACHO, Carlos, DIAS, Maria João. *O Espaço e o Homem. Perspectivas Disciplinares*. 1ª Ed. Lisboa: Edições Silabo, 2010. 157p.

13 MATEUS, José. “A Casa” in SARDO, Delfim (ed.), *Falemos de Casas: entre o Norte e o Sul*. Lisboa: Athena, 2010.

Discutir habitação é sempre procurar responder às questões do significado de casa, do sentido de construir. Construir é responder a um anseio, é preencher um vazio, é dar uma solução ao homem que habita, quer dizer, que existe no espaço. O significado da casa, como resposta construída, é alojar, é proporcionar protecção. Neste sentido habitar corresponde ao abrigo, à cabana inicial enquanto tema da casa heideggeriana considerada como “ (...) o lugar do autêntico, é o refúgio que protege do exterior, da inclemência do tempo e dos agentes naturais, mas também do mundano e do superficial, dessa exterioridade”<sup>14</sup>, segundo as palavras de Ábalos, características igualmente reconhecidas por Siza Vieira, já que também para ele “a casa é abrigo (...) dentro somos independentes ou quase. Estamos protegidos da cidade e do mundo inteiro (...) a casa é o eu de cada um”<sup>15</sup>. Com efeito, estes exemplos partilham do significado da casa como protecção, como um interior que protege de um exterior, independentemente da configuração que essa exterioridade possa assumir (tempo, natureza, cidade). A construção mental de protecção está intrinsecamente ligada à dualidade, ao verso-reverso, ao eu e ao outro. A interioridade da casa, o verso, o eu, opõe-se à exterioridade, ao reverso, ao outro.

Os limites da casa desenham o espaço – o interior e o exterior, o fechado e o aberto. Sendo que a casa e abrigo mantêm uma relação indissociável: “ (...) ela é uma espécie de prolongamento da pele, uma forma de protecção da intimidade; que nela se joga uma relação séria e profunda entre o íntimo e o exterior”<sup>16</sup>; protecção abriga da exposição. Esta dualidade interior/exterior subjacente à construção do habitar é, contudo, reinterpretada actualmente face às novas tecnologias ocorrendo como que uma abertura virtual do espaço interior, tradicionalmente interpretado como uma dimensão fechada e privada, que adquire agora uma nova dimensão com um alcance global.

Uma tal abordagem das diversas escalas de interioridade e exterioridade e do seu enquadramento ao nível da casa motiva questões referentes ao carácter do espaço público e do espaço privado. Desenhar uma linha limitadora de um e de outro, segundo a qual estes espaços se complementam, é traçar nesta dualidade um limite, actualmente cada vez mais ténue e subtil: “ (...) uma vez que essa relação recíproca, antes a preto e branco,

---

14 ÁBALOS, Iñaki. *A boa-vida. Visita guiada às casas da modernidade*. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 2003.

15 SIZA VIEIRA, “*Texto para a exposição Desenhos de Construção com Casa, e Céu*” de Carlos Nogueira (2006)

16 B. MIRANDA, José. “*Falemos de Casas... em Portugal*” in SARDO, D. (ed.), *Falemos de Casas: entre o Norte e o Sul*. Lisboa: Athena, 2010. 94 p.

*expressa-se progressivamente numa infinidade de tons de cinzento*"<sup>17</sup>. O termo público implica dois fenómenos que se interrelacionam. Por um lado, público tem a ver com acessível; quando se publicita uma experiência individual o privado torna-se de acesso público. Por outro lado este conceito identifica-se com comum. Em qualquer dos casos é imprescindível que haja partilha – o eu torna o seu mundo acessível e o outro apreende esse mundo passando a fazer parte dele, quer presencialmente quer cognitivamente sob um espírito de sociabilidade.

Uma casa, enquanto resultado de uma proposta do arquitecto, é um projecto pensado para vivências humanas e por isso sujeita a relações pessoais que apresentam diferentes intensidades e permeabilidades. É aqui que reside o grande desafio para os arquitectos de hoje, o refundar de espacialidades e modos de vivência, à luz de novos conceitos de família, trabalho, distância, entre outros. Embora, na maior parte das vezes, não conheça o destinatário do seu projecto, o arquitecto não pode ignorar que o fogo deverá responder aos anseios mais íntimos de quem o habita. Os seus projectos deverão prever espaços flexíveis que possibilitem uma mutabilidade funcional por parte de quem os vai habitar e propiciem a apropriação desse espaço desenhado, como sublinha Gonçalo M. Tavares: *"(...)uma casa é um conjunto de movimentos (...) acho mais simpático as casas que deixam um grau de liberdade ao utilizador, onde me esqueço que estou dentro de uma casa. É evidente que é a diferença entre viver numa casa, e viver uma casa."*<sup>18</sup>. A apropriação do espaço a nível do privado tem a sua expressão mais significativa na casa enquanto portadora de uma identidade, de um modo de ser e de estar muito próprios, cada pessoa apropria à sua medida e imagem o espaço habitacional de forma a rever-se nesse espaço.

Considerando a forte implicação da relação lugar-permanência na construção habitacional e a implicação que tal binómio tem na percepção do habitar numa casa ou habitar uma casa não se pode deixar de referir que "habitar é viver com". Para Carlos Teixeira *" (...) só habita quem conhece o lugar onde está e esse reconhecimento fazemo-lo no quotidiano quase sem termos consciência disso. Habitar é identificar, é passar a ser*

---

17 SANTIAGO BAPTISTA, Luís. *No place like... home: Reflexões em volta do habitar contemporâneo em Portugal*. Bienal de arquitectura de Veneza 2010.

18 TAVARES, G. "Falemos de Casas... em Portugal" in SARDO, D. (ed.), *Falemos de Casas: entre o Norte e o Sul*. Lisboa: Athena, 2010. 103 p.

*dono, no sentido de conhecimento e de identificação com o lugar a que nos estamos a referir”<sup>19</sup>, opinião secundada pelo entendimento de L. Santiago Baptista e P. Pacheco de que: “ (...) essa capacidade de identificar, de conhecer e de passar a pertencer é recíproca, já que o lugar é aquilo que projectamos nele, a partir de tudo o que ele projecta em nós”<sup>20</sup>.*

A casa é um lugar de permanência, seja pela identificação espiritual que o seu ocupante assume com ela, seja pela estabilidade física e psicológica que ela lhe assegura – intimidade, privacidade, refúgio e abrigo. Deste modo a apropriação da casa revela-se na sua plenitude. Citando Delfim Sardo, a casa assume-se “ (...) como representação do habitar, sabendo que uma casa é sempre mais do que o arquitecto dela pensou, porque uma casa é a representação de uma existência, longa ou fátua, breve ou imensa. Uma casa é uma representação de uma ideia de pertença, sempre que é uma casa: é uma exsudação de quem nela vive, mudando, transformando, modificando, subvertendo o plano. Assim falar de casas é falar do permanente conflito entre o desenho e o quotidiano de quem o re-escreve como ocupação.”<sup>21</sup>. O espaço construído, qualquer que ele seja, não é neutral, pois influencia de forma determinante tudo aquilo que nele se possa vir a passar, condicionando as práticas sociais e individuais.

A apropriação do espaço surge como uma capacidade do sujeito se autodefinir a partir de uma relação com a envolvente que fomenta e influencia a forma como ele se (re)constrói nesse e a partir desse mesmo contexto. Ao falar-se de apropriação deverá entender-se, mais do que sublinhar uma simples adaptação, a forma do indivíduo se relacionar com o lugar. A apropriação pressupõe uma relação do sujeito com a envolvente, da qual resulta uma identificação plena desse espaço entendido como algo que lhe é próprio, que lhe pertence a ele e só a ele. Cada indivíduo transporta uma forma própria de entender o habitar e transfere para o espaço habitacional em que se movimenta esse ideal subjectivo. O habitar resulta em pleno pela correspondência e cumplicidade relacional, que se repercute na apropriação do espaço intervencionado, seja de dimensão privada ou pública.

---

19 TEIXEIRA, C. “Falemos de Casas... em Portugal” in SARDO, D. (ed.), *Falemos de Casas: entre o Norte e o Sul*. Lisboa: Athena, 2010.

20 S. BAPTISTA, L.; PACHECO, P. “Falemos de Casas... em Portugal” in SARDO, D. (ed.), *Falemos de Casas: entre o Norte e o Sul*. Lisboa: Athena, 2010. 108 p.

21 SARDO, Delfim (ed.), “Prefácio” in *Falemos de Casas: entre o Norte e o Sul*. Lisboa: Athena, 2010. 35 p.



### 3.4. A tipologia do *loft* – a representação de um habitar

Um caso significativo de apropriação e ocupação da casa – e de uma reinterpretação dos conceitos de individual e colectivo, e de público e privado – é o *loft* nova-iorquino e, neste sentido, ele merece uma importante referência para o tema desta dissertação do “lugar onde habita a arte”.

A procura da compreensão do que é este lugar leva a um “ (...) *pensamento sobre as condições de possibilidade da arquitectura (...) – no mesmo sentido em que se fala, desde a década de cinquenta, do binómio arte/vida –, tentando pensar como o destino de apropriação a que é submetida a arquitectura é não só o seu limite, mas a sua razão de ser, o seu sentido.*” (D. Sardo, 2010)<sup>22</sup>.

As modificações socioculturais alteram o comportamento do homem e a função de um espaço passa a ser entendido à luz desse comportamento – docas antigas e sólidas que se transformam em espaços de lazer, velhos armazéns abrigam habitação e criação, conventos devotam-se a espaços públicos. É reconstruir o construído, enquanto entendido como repensar de função e não de forma, é reconstruir enquanto repensar da dimensão do espaço privado e público, individual e colectivo.

Na passagem para o século XX, em consequência de uma necessidade sentida por artistas de Nova Iorque de reunir o local de residência e o local de trabalho, desenvolveu-se uma tipologia – *studio-apartment* – que viria a definir uma nova forma de viver o espaço. Em meados desse mesmo século esta ideia é recuperada pelo pintor Henry W. Ranger e pelo construtor William J. Taylor que, conjuntamente com a cooperação de um grupo de artistas, viriam a construir vários destes edifícios. Combinando um espaço de residência e estúdio, estas novas edificações, contribuiriam para a definição de um bairro, o *SoHo*, como o centro da vida artística e cultural de Nova Iorque. Os edifícios conjugavam os requisitos de um espaço habitacional, colectivo e de um estúdio: eram parcelados em unidades *dúplex* permitindo que cada um destes conjuntos, a par das divisões habitacionais individualizadas

---

22 SARDO, Delfim (ed.), “Prefácio” in: *Falemos de Casas: entre o Norte e o Sul*. Lisboa: Athena, 2010. 43 p.

repartidas pelos dois pisos, tivesse um espaço de *atelier* a norte e com pé direito duplo onde os artistas aí residentes podiam criar e expor as suas obras.

Muitas outras propostas semelhantes surgem, não só para artistas, mas também para apreciadores de arte e intelectuais como afirmação de um estatuto social importante na comunidade artística. Enquanto resposta a esta nova procura, muitos desses edifícios possuem, ainda, equipamentos de lazer – como teatro, piscina, restaurantes, entre outros – que fazem do *Hôtel des Artistes* (construído em 1916, por George Pollard) um dos mais famosos complexos de *studio-apartment* de Nova Iorque.

À parte dos aspectos culturais, o *SoHo* (*studio office/home office*) representou um exemplo de renovação urbana e de apropriação de edifícios abandonados por galerias de arte, restaurantes e lojas tornando-se numa zona de artistas emergentes na área da moda, da arte, do *design*, do cinema, da fotografia e da música, entre outras. Embora estes estúdio-apartamentos fossem a resposta que os artistas procuravam para viver e simultaneamente criar e expor as suas criações, o seu custo era extremamente elevado. Não se põe aos artistas a questão de prescindirem desta forma de trabalhar e habitar proporcionada pelas condições de um tal espaço, mas sim procurar espaços alternativos menos dispendiosos e com as mesmas condições.

Nessa mesma zona central, mas economicamente desvalorizada, da cidade de Nova Iorque uma série de armazéns industriais abandonados, com volumetrias marcantes, são objecto de uma reconversão em massa por grupos de artistas que se apropriam destes espaços para estabelecerem aí os seus *studio-apartments*.

Deste gesto de ocupação e transformação do espaço, do qual nasceu o *loft*, um exemplo notável é a *Factory* de Andy Warhol, uma reconversão de uma antiga fábrica de chapéus na qual Warhol instala a sua casa e a sua obra. Aqui ele modifica completamente o espaço na procura de uma arte de viver que se fundisse com o seu trabalho criativo.

O *loft*, este novo espaço habitável e de trabalho, irá originar uma experiência ímpar e contribuir para a reflexão sobre um estilo de vida no qual a arte forma parte integral da vida quotidiana estendendo a criatividade ao domínio da intimidade. Esta “tipologia” nasce de um repensar e recriar de armazéns reconvertidos, com grandes superfícies e volumes espaciais onde coabitam o doméstico e o trabalho e onde a “(...) criatividade empregada no habitar é

*máxima, pois todas as opções são possíveis: apropriar-se deste volume de ar é a essência da forma de habitar.*"<sup>23</sup>.

Geralmente espaços abertos, com grandes vãos e pés-direitos muito altos, a grande espacialidade cúbica sem restrições era a referência do loft e a eventual diferenciação de áreas é conseguida por peças de mobiliário. A abertura e a profusão de espaço do loft, bem como a luminosidade assegurada por grandes janelas enformam o *atelier* ideal no centro da cidade.

Por isso, este espaço contraria os esquemas funcionais da modernidade, tanto espaciais como temporais, já que tudo acontece através da improvisação do utente, uma nova identidade construída nas modificações do espaço privado e do espaço público. O habitar deste espaço é substancializado por um indivíduo cujo espírito parece renascer de uma auto-afirmação e de uma insubmissão a directórios sociais estabelecidos e uma proclamação da construção criativa do próprio indivíduo que implica *"a transformação da vida quotidiana, a busca de uma arte de viver que se confundisse com o próprio acto criativo"*<sup>24</sup>.



Imagem 1: Disposição dos trabalhos de Warhol no seu atelier. Créditos: Billy Name. Andy Warhol, 1967.

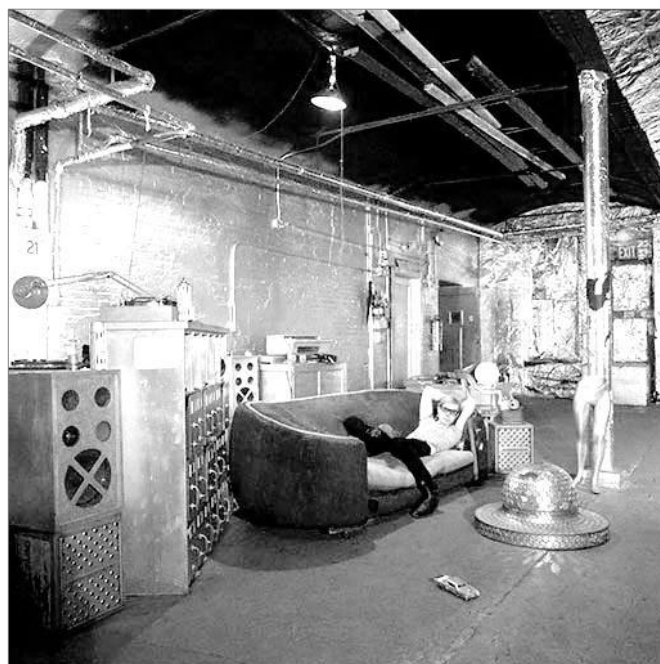


Imagem 2: Andy Warhol no seu atelier a "Factory". Créditos de Jon Naar, The Silver Factory, Nova Iorque, 1965

23 ÁBALOS, Inaki. A boa-vida. Visita guiada às casas da modernidade. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 2003. 127 p.

24 ÁBALOS, Inaki. A boa-vida. Visita guiada às casas da modernidade. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 2003. 123 p.

A apropriação está, na verdade, intimamente ligada à forma de habitar o loft. Aqui, uma vez que não há compartimentações funcionalmente predefinidas, o habitante apropria-se deste imenso espaço adequando-o em função dos seus interesses criativos partilhando-o ainda com outros artistas. No caso do *loft* de Warhol a criatividade atinge um tal expoente que a designação de *Factory* metaforiza a actividade artística aí desenvolvida.

Os ambientes de produção criativa e de festa solidificam a convivência e a domesticidade da casa é subjugada por um protagonismo público que torna esta tipologia de loft um espaço cultural de elite que, numa escala mais alargada, fará de Nova Iorque o “destino preferencial do turismo cultural internacional”<sup>25</sup>.

Impregnado de espírito de abertura e de convívio o loft permite acessibilidade à sua criação e partilha esta nova visão estética: torna-se um espaço público, como se de uma galeria de arte se tratasse, permitindo aos indivíduos envolvidos criar relações identitárias de pertença, facto que obriga a reflectir sobre a dicotomia público/privado. No loft o espaço de morar funde-se agora com o espaço de criação e com o espaço de lazer tornando-o propenso a soirées culturais, *performances* de arte e *happenings*: “Estas casas-oficinas permanecerão abertas a visitantes mais ou menos estáveis e à organização de festas e reuniões sociais”<sup>26</sup>.

Da amplitude da casa e da sua abertura a uma apropriação criativa, conciliando habitar e arte, propício à criação e divulgação *in situ* da produção artística, o loft reporta à casa a qual “tem sido um lugar privilegiado na literatura, sendo desde sempre o suporte, o refúgio e a metáfora do acto criativo, como uma espécie de lugar onde tudo é possível.”<sup>27</sup>.

---

25 ÁBALOS, Inaki. A boa-vida. Visita guiada às casas da modernidade. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 2003. 125 p.

26 *Op. Cit.* 123 p.

27 SANTIAGO BAPTISTA, L.; PACHECO, P. “Falemos de Casas... em Portugal” in SARDO, Delfim (ed.), Falemos de Casas: entre o Norte e o Sul. Lisboa: Athena, 2010. 100-101 p.

## 4. A CASA ENQUANTO ATELIER E (O) LUGAR DO ACTO CRIATIVO

### 4.1. Habitar a arte que habita – o casulo criativo

A casa enquanto referencial sobre o mundo representa centralidade, intimidade e abrigo, e por consequência afastamento e protecção relativamente ao exterior e ao público. Proporcionar refúgio ao homem, como finalidade da casa, tem sido nota recorrente de referência ao longo desta dissertação. E se a casa não for casa, mas casulo? O seu papel continua a ser o de protecção, não do homem, mas da arte. Da arte, como resultado da gestação, da criação operada por esse homem. Uma casa que abrigue o homem e o acto criador desse homem. O casulo, como metamorfose poética, oferece refúgio ao processo criativo e acolhe essa criação. O binómio arte-habitar substancializar-se-á aí.

Neste sentido, o âmbito desta reflexão estende-se também à procura da compreensão do papel da arte enquanto apropriação do espaço, enquanto veículo para repensar as formas de habitar numa construção afectiva e poética do espaço.

Enunciado o tema de *casa-office* ou *casa-atelier* no exemplo que concluiu o capítulo anterior (*The Factory* de Andy Warhol), percorre-se agora o significado intrínseco da casa enquanto potencial lugar de criação artística. É ao entrar sobre o território de intimidade que o Homem se permite operar sobre o espaço e apropriá-lo, e trabalhar sobre o acto criativo.

O tema da casa como uma espécie de casulo criativo reflecte a dicotomia entre o habitar e a arte, na qual a casa é um espaço de criação e geração artística e, ao mesmo tempo, refúgio para o processo criativo onde permite que a obra de arte nasça e se materialize. Esta relação entre a casa-atelier enquanto lugar, o artista enquanto habitante e a obra de arte enquanto resultado, causa e consequência, remete para uma percepção de familiaridade e de domesticidade do objecto de arte permitindo uma grande proximidade entre o objecto produzido e a vida do criador. Poderá isto significar que a obra pertence ao espaço de habitar, à casa?

#### **4.2. A casa-atelier (o lugar), o artista (o habitante) e a obra (a arte)**

A percepção da obra de arte enquanto algo que se reflecte no espaço que a envolve e que, simultânea e reciprocamente participa na construção deste, motivou novos olhares sobre o significado de arte, *atelier* e museu. Ao recentrar o lugar de criação no entendimento do objecto de arte gera-se uma reinterpretação do *atelier* traçado pela forma como a obra, através do seu conceito, do seu projecto e da sua materialidade, actua sobre este espaço desenhando ou alterando as directrizes que definem a leitura do lugar.

Uma reflexão sobre a casa-estúdio passa, então, por compreender as dinâmicas que pode gerar e por considerar três factores que constituem o processo criativo – o “onde”, o “quem” e o “quê” – e interpretá-los como um todo que se articula e influencia mutuamente.

A noção de casa-*atelier* admite uma configuração e geometria que deve prever os requerimentos de um espaço de trabalho. É tarefa do arquitecto reflectir e criar nesse espaço condições de conforto e eficácia, de luz e sombra, de escala, de materialidade, de exposição e recolhimento e disponibilidade de equipamentos e dispositivos, entre outros factores, de forma a torná-lo um lugar criativo que possua um carácter flexível, como uma tela “em branco” pronta para ser preenchida e apropriada. Um lugar que proporcione intervenções, operações e reflexões sobre o espaço, onde a arte acontece, sendo que a

casa figura, para o artista, “ (...), a construção, o edifício, a casa a chave e a porta, a ilha, o quarto, o território, o diálogo e o monólogo ”<sup>28</sup>, um lugar de criação e campo de trabalho. Nestas concepções a natureza do espaço doméstico surge aliada ao estúdio enquanto um paralelo entre o viver e a arte ao assumir uma relação muito clara e estreita entre a obra e o seu sítio de criação. Deste modo, e seguindo esta linha de raciocínio, coloca-se a questão: que conceito de espaço está em causa?

O lugar da casa (enquanto atelier) e do *atelier* (enquanto casa) são factores que permitem compreender o contexto deste processo e interpretar o espaço onde o artista vive, reflecte, cria, trabalha e contempla a forma concretizada do seu trabalho. Esta coexistência autor/lugar representa uma noção de familiaridade ligada aos valores da vida quotidiana, onde o artista e a casa-*atelier* assumem uma cumplicidade em que a presença de um e do outro é aquilo que os une. Inversamente, uma leitura antecipada do carácter e especificidade do lugar propõe uma direcção na concepção do objecto de arte. Um exemplo marcante deste percurso artístico que reflecte uma estreita preocupação com o contexto espacial é a vasta panóplia de instalações e peças produzidas por Richard Serra entre as quais se poderá citar o ensaio de *Gutter Corner Splash: Night Shift* sobre o qual Serra descreve a natureza da peça: “*The space is the place of its making*” (Richard Serra)<sup>29</sup>.



Imagem 3: Gutter Corner Splash - Night Shift, Richard Serra, 1968-1995, escultura em bronze; Artists Rights Society (ARS), New York.

28 CARDOSO LIMA, Francisco. *O atelier enquanto lugar e processo de criação artística*. Aveiro: Departamento de Comunicação e Arte, Universidade de Aveiro, 2007. Texto policopiado. Tese de Mestrado. 83-94 pp.

29 SERRA, Richard. *Gutter Corner Splash in: Art; a Serra sculpture emerges from its tomb*. Andrew Blum, 2003

Este condicionalismo recíproco contém duas perspectivas: o lugar de *atelier*, de criação que delimita e forma o contexto do objecto de arte, e a noção de objecto de arte enquanto definidor e transformador do espaço. A obra de arte surgida destas relações completa o processo criativo no sentido em que, por um lado estabelece uma ligação com o artista, enquanto expansão do seu ser e representação material das suas aspirações e ideais, por outro, mantém com a casa um diálogo onde o lugar influencia a arte e a arte influencia o lugar.

*“Space now is not just where things happen; things make space happen.”* (Brian O’Doherty, 2007) <sup>30</sup>

Assiste-se à reinvenção do acto artístico enquanto *site-specific-work*, precisamente uma forma de actuar sobre o espaço que remete para a sua leitura e transformação por via da arte. Esta reflexão sobre a matéria inerente e específica que concretiza o local e a sua (re)interpretação na construção da peça de arte constitui um ramo da produção artística muito importante para a compreensão do lugar de criação da arte uma vez que propõe *“novas relações, novas percepções e novos lugares”* (Márcia David, 1945) <sup>31</sup>. Neste sentido, ambiente doméstico, compartilhado pela obra e pelo criador sofre um processo de sacralização, pela apropriação e transformação do espaço.

#### 4.3. **Habitar/ criar/ expor - a dimensão pública da arte, a dimensão pública do privado**

No processo de concepção e desenvolvimento de um objecto de arte ou projecto cultural há um momento final de pausa e silêncio para apreciar e contemplar, e por vezes superar, a obra. Este momento em que o objecto encontra uma materialidade, um resultado e se realiza enquanto arte concretiza o espaço de exposição. É o momento em que o casulo deixa de ser ninho e sim um lugar que, não só contém a obra mas que também é

---

30 O’DOHERTY, Brian. *Inside the White Cube*. Expanded Edition. Berkeley: University of California Press, 2007. 39 p.

31 DAVID, Márcia. *O Lugar da Arte*. in: *Arquitextos* nº068.05, Janeiro 2006, São Paulo.



redefinido e reinterpretado por ela. Esta realidade originou, em meados do século XX, uma mudança conceptual da relação entre a obra de arte e o espaço onde é exposta, colocando-se questões quanto à influência do espaço sobre a obra de arte e como ele se repercute na percepção desse objecto.

Retomando as duas perspectivas deste binómio de articulação entre a obra e o lugar, assiste-se por um lado ao surgir do conceito de domesticidade da obra de arte que conduz a uma metamorfose do espaço de *atelier*/estúdio e do habitar doméstico, através de um processo de sacralização, como já anteriormente foi referido, no espaço expositivo. Por outro, à predominância idiossincrática do lugar sobre o produto de arte.

No primeiro caso, o elevado grau de proximidade do criador e do lugar ao objecto de arte traduz-se, em certas circunstâncias, na recusa por parte dos artistas a retirar as obras destes lugares, considerando imprescindível o ambiente criativo e cénico do *atelier* que se materializa num espaço de exposições, *performances* de arte e de *happenings*. É nesta ocasião de abertura que o observador entra em cena e que a arte expande-se para além da sua casa para o mundo exterior. Por outro lado, considerando o *site-specific-work*, no qual o lugar final expositivo é a base e a causa da criação da peça de arte, existe um momento em que a obra se solta das paredes físicas do *atelier* e em que o artista vaga e liberta a obra. Enquanto permanecia no seu casulo, no seu ninho, a obra conteve em si todas as possibilidades de ser para no momento de libertação passar a pertencer a um espaço exterior, no sentido em que é externo ao lugar que durante um certo período de tempo foi a sua incubadora, envolvendo-se de outras formas, volumes e possibilidades. Neste sentido, expressa-se a importância vital do *atelier* no percurso criativo e artístico, afirmando-se enquanto lugar tanto do artista como da obra de arte.

Outra questão se revela aqui: qual a dimensão pública da arte e, conseqüentemente, qual é a dimensão pública do privado? Cabe ao projecto e à Arquitectura moderar estas duas formas de apropriação, num equilíbrio entre o privado e o íntimo da vida quotidiana e o público e colectivo da obra de arte, e o que ela implica na participação de um observador externo. O desenho destes espaços compreende, assim, uma sensibilidade à relação do objecto com o lugar, num gesto que deve conservar o significado intrínseco à obra e permitir que ela respire mas que se possa também transpor para o observador no seu pleno, num lugar recolhido e interior que inspira silêncio e segurança.

Subentendida ao espaço de exposição está a noção da arte enquanto construção pública e partilha colectiva de significados, ideais e vivências, sendo que a arte representa uma forma de conhecimento e interpretação da cidade e a cidade representa o lugar por excelência da arquitectura e das artes. Enquanto cenário urbano a cidade constitui um sistema que contrapõe factos urbanos e acumula memórias de uma história sedimentada de registos patrimoniais e culturais que propiciam e aliciam a convivência cultural e experimentação artística.

#### 4.4. Casos de estudo

Os seguintes casos de estudo formam um conjunto de exemplos de aplicação prática das reflexões até aqui desenvolvidas e tomam importância tanto pelo conceito e significado aplicáveis ao projecto como pela análise dos resultados da sua materialização arquitectónica.

Os exemplos organizam-se segundo uma lógica gradual. O primeiro exemplo é um projecto de um *atelier* em Londres do arquitecto David Chipperfield para o artista britânico Antony Gormley, constituindo o seu novo espaço de trabalho e produção. É particularmente notável nesta obra a forma como aborda o estúdio e a zona de trabalho e de construção das peças em paralelo com o espaço reflexivo e de recolhimento.

O segundo caso de estudo é uma iniciativa “Red Bull House of Art” em Lisboa e contrariamente ao caso de estudo anterior - no qual existiu um processo arquitectónico de concepção de um espaço de estúdio para um artista específico - a relevância deste exemplo para a dissertação reside no conceito e nas aspirações do projecto ao desenvolvimento da criatividade no meio artístico, mais do que o veículo arquitectónico que toma. Conjuntamente, ressalta-se o facto de se aliar o espaço de trabalho ao espaço de habitar e introduzir um factor importante de temporalidade na permanência entre casa/*atelier*.

O terceiro projecto é um conjunto residencial em Pequim que representa, de certo modo, uma multiplicação do exemplo prévio uma vez que reúne várias casas/*studio* num espaço colectivo potenciando as vantagens e características e acrescentando-lhe o valor da interacção e cooperação entre vários artistas que ali habitam e trabalham.

O último caso de estudo, o *Kivik Art Center* na Suécia - embora por enquanto ainda um projecto teorizado - leva ainda mais além o conceito de complexo residencial de criação artística aliando às habitações e espaços de trabalhos outras funções que os complementam, diversificam e valorizam – espaços expositivos, espaços de administração, oficinas, bibliotecas, entre outros.



#### 4.4.1 Quantum I, Antony Gormley's Studio

David Chipperfield Architects; Londres, Inglaterra; 2001-2003

O projecto Quantum I de Chipperfield constitui um novo *atelier* para o artista Antony Gormley e situa-se numa zona industrial a Norte da Estação Kings's Cross em Londres.

Antony Gormley, já vencedor do prémio Turner, é um escultor britânico de renome cuja obra já passou por vários museus em todo o mundo. Gormley precisava de um novo espaço de trabalho amplo, sólido e funcional para construir algumas das suas peças e instalações mas que fosse, ao mesmo tempo, leve e privado, onde pudesse simultaneamente desenvolver e reflectir sobre os seus novos projectos.



Imagem 4: Antony Gormley's studio, exterior do atelier

Enquanto espaço de oficina, os volumes da edificação proposta respondem às necessidades de construção de grandes peças e permitem cargas e descargas de materiais pesados. O edifício caracteriza-se pelas suas naves de triplo pé direito e pela cobertura em águas bem como aberturas vitorianas que protegem o interior, ao mesmo tempo que permitem a iluminação e ventilação e uma estrutura para a suspensão de peças.

A disposição das funções nesta proposta é clara e distinta: o piso térreo é dedicado à produção com estúdio de fotografia, salas de *workshop*, espaços de armazenamento, entre outros, enquanto duas escadas exteriores levam ao piso superior, intencionalmente remoto para marcar um espaço mais privado para reflexão com duas salas privadas, uma sala de reuniões, um escritório e uma sala comum.

Confrontado com este novo espaço de trabalho e de produção Gormley colocou uma questão de grande pertinência de um tema já abordado anteriormente nesta reflexão: seria o seu trabalho afectado pelo seu novo estúdio, trabalho esse que ele baseia na ideia de corpo enquanto massa e enquanto espaço?



Imagem 5: Antony Gormley's studio, escada exterior que leva aos pisos superiores



Imagem 6: Antony Gormley's studio, interior do atelier - nave

#### 4.4.2 Red Bull House of Art

Lx Factory, Lisboa; 2010-2011

A Red Bull House of Art faz parte de uma iniciativa da Red Bull para conceber espaços para a criação e produção de arte. Este programa desenvolve-se em cinco outras metrópoles de referência e em Lisboa situa-se num antigo depósito de água na LX Factory com uma vista de 360 graus sobre as sete colinas e o rio.



Imagem 7: Red Bull House of Art, depósito de água da LX Factory reconvertido. Créditos: Pauliana Pimentel, 2011



Imagem 8: Red Bull House of Art, casa-atelier. Créditos: Pauliana Pimentel, 2011

Este espaço foi convertido numa *casa/atelier* que acolhe um artista durante um período estabelecido de dez semanas para a produção e execução do projecto criativo e culmina na inauguração e subsequente exposição que dura duas semanas. Os artistas são convidados a habitar este espaço através de uma selecção feita por curadores e aderem a esta experiência integrada de criação num dos pólos mais influentes da expressão artística nacional de Lisboa.

O objectivo é incentivar e estimular a produção artística providenciando não só o espaço mas também os materiais, os equipamentos e todos os recursos necessários ao desenvolvimento do trabalho. Não pretendendo ser uma escola de arte, esta iniciativa aspira ser uma plataforma de lançamento e também reconhecimento de novos talentos no leque da comunidade artística: um “motor” de produção de arte.

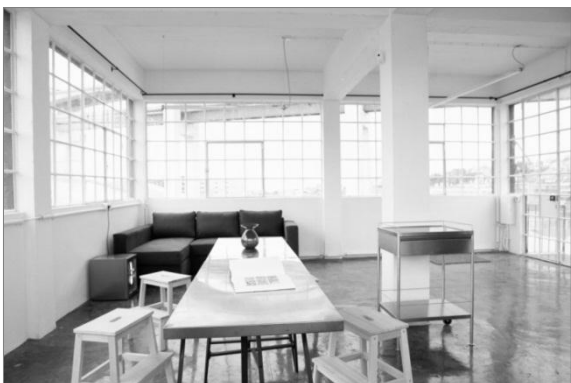


Imagem 9: Red Bull House of Art, interior – espaço de habitar



Imagem 10: Red Bull House of Art, interior – zona de trabalho



#### 4.4.3 Songzhuang Artist Residence

DnA – Design and Architecture: Xu Tian Tian; Songzhuang, China; 2008/2009

Localizado na maior e mais famosa comunidade artística da China, o Songzhuang Artist Residence é um conjunto habitacional que integra o espaço de habitar e o espaço de *atelier/estúdio*. A sua pertinência encontra-se no facto de ser um espaço para a produção, criação e habitação para os artistas mas também por ser uma plataforma de interacção e cooperação entre os visitantes e a comunidade artística.



Imagem II: Complexo de Songzhuang do grupo de arquitectos DnA. Créditos: Savoye / Ruogu Zhou, Iwan Baan

A cidade de Songzhuang, situada no distrito de Tong Zhou, arredores de Pequim, era inicialmente uma vila industrial que em 2008 teve um grande crescimento da população – maioritariamente artistas que formavam uma comunidade com cerca de 4000 pessoas. Este aumento exponencial influenciou a procura de habitação que conjugasse as necessidades dos artistas: um espaço para habitar e trabalhar.

O projecto do Songzhuang Artist Residence é um dos edifícios mais influentes para a cidade pois concentra um grande grupo de artistas que ali habitam, trabalham e expõem as suas obras. Se por um lado conjuga a individualidade do artista na sua “*casa/atelier*” com a colectividade da interacção e cooperação entre artistas na residência, por outro também integra visitantes através de actividades e *performances* de arte nos espaços exteriores.

Este jogo metafórico intencionado por Xu Tiantian reflecte-se na arquitectura e composição do edifício: uma assemblagem e ordenação de vinte módulos habitacionais de forma a constituir um todo complexo e coerente – ideia que remete para a memória do lugar onde se encontra implantado: um terreno industrial que servia de armazenamento para contentores de carga.



Imagem 12: Songzhuang Residence, interior de uma habitação. Créditos: Savoye / Ruogu Zhou, Iwan Baan

A geometria e a forma são elementares: cada unidade habitacional configura um volume rectangular que no interior se divide num espaço de estúdio com pé direito duplo e num espaço de habitar de dois pisos. O espaço de *atelier* é simultaneamente espaço de trabalho, de convívio e de exposição da obra enquanto o espaço de habitação permanece privado e recolhido. O complexo tem uma configuração única e expressiva com qualidades espaciais que permitem e incentivam à exploração e apropriação dos volumes e vazios e dos jogos de luz e sombra por parte dos artistas e visitantes, do espaço exterior e comunitário, tornando-se num museu alternativo para a criação e exibição de arte “*in situ*”.



Imagem 13: Songzhuang Residence, espaço exterior. Créditos: Savoye / Ruogu Zhou, Iwan Baan



Imagem 14: Songzhuang Residence, pátio exterior coberto. Créditos: Savoye / Ruogu Zhou, Iwan Baan

#### 4.4.4 Kivik Art Centre

Bergdala, Little Stenshuvud, Suécia, 2007

A criação de um lugar de produção de arte, de espaços que vão para além do museu, é o conceito deste complexo que pretende reunir e promover o encontro de pessoas interessadas em arquitectura, arte e natureza. Situado na Suécia, em Bergdala na região de Little Stenschuvud, o ponto cénico e ambiente criativo conferem individualidade ao complexo e conseqüentemente também incentiva à criação artística baseada na tradição artesanal do trabalho da madeira, da pedra, da cerâmica e do vidro trabalhado.

Por ser um projecto de grande dimensão e programaticamente ambicioso, o Kivik Art Centre ainda não se encontra terminado; contudo o ponto de partida deste projecto incidirá sobre espaços de habitação e *ateliers* que acolherão os artistas em diferentes períodos de tempo (artistas em residência) em iniciativas livres e independentes ou em comissões temporárias. A cada criador será concedido alojamento, espaços de trabalho, oficinas, salas de *workshops* e a conseqüente exposição ao público dos trabalhos desenvolvidos. Complementando estes espaços também existirão galerias de arte, cafetarias, livrarias e outros espaços de administração e de suporte à criação artística.

A gestão deste complexo será levada a cabo não só por uma equipa que colaborará com instituições artísticas e associações culturais promovendo a requisição de participantes, mas também por um conjunto de artistas e artesãos fixos que contribuem para o desenvolvimento do trabalho. O suporte e funcionamento deste centro artístico advêm de um sistema financeiro que recorre, por um lado, a contractos com patrocinadores, a contribuições de fundos regionais e subsídios públicos, mas mais importante, que deriva do próprio trabalho criativo que ali é produzido e preservado para a colecção não só do complexo mas também de outros museus e instituições ao abrigo de acordos previamente estabelecidos.

Para sinalizar o projecto e a iniciativa têm sido feitas, desde a sua inauguração em 2007, exposições internacionais anuais que cruzam a arte, a arquitectura e o *design*, como é o exemplo do trabalho de alguns arquitectos e artistas: o grupo de arquitectos Snøhetta e o fotógrafo Tom Sandberg, ou ainda uma cooperação entre o arquitecto David Chipperfield e o escultor Antony Gormley entre outros.



Imagem 15: Projecto de David Chipperfield, 2008.



Imagem 16: Instalação de Antony Gormley – Standing Matter, 2008. Créditos: Gerry Johansson.

## 5. MEMÓRIA CRÍTICA DE PROJECTO

### 5.1. Contexto e disposição do lugar

O Lugar desta reflexão teórica incide sobre uma parte da Frente Ribeirinha de Lisboa, na zona de Belém/Ajuda, lateral à Cordoaria Nacional e resulta de uma continuidade do exercício proposto pela disciplina de Laboratório de Projecto VI.



Imagem 17: Ortofotomapa, enquadramento do terreno de projecto

#### 5.1.1 Enquadramento do existente – causas urbanas

A Frente Ribeirinha de Lisboa marca o encontro da cidade com o rio e nele deposita os seus valores históricos, paisagísticos, económicos e simbólicos. Por um lado serve de pano de fundo e palco para a cidade, cuja configuração geográfica – colinas e encostas que asseguram uma vista constante e privilegiada do rio – se perfila e delimita naturalmente nessa Frente. Por outro lado, assume um papel estruturante na malha urbana por concentrar e reunir em si comércio, infra-estruturas portuárias, transportes, comunicação e cultura.

Actualmente a zona ribeirinha pretende regenerar-se dos problemas de articulação do sistema viário e ferroviário, dos espaços industriais e portuários – que em muitas áreas constituem um entrave à requalificação e renovação da ligação da cidade ao rio – e da constituição da faixa ribeirinha enquanto plataforma verde e pólo cultural, desportivo, turístico e de lazer da cidade.



Imagem 18: Perfil do património de Belém

A zona de Belém, em particular, por ser uma zona de carácter histórico, simbólico e icónico, tem o potencial de se assumir como pólo cultural e artístico importante na cidade de Lisboa. Aqui se concentram alguns dos monumentos mais significativos – como o Mosteiro dos Jerónimos, a Torre de Belém e o Padrão dos Descobrimentos -, outros equipamentos culturais e património arquitectónico – o Museu de Etnologia, o Museu da Marinha, o Museu de Arte Popular, o novo Museu dos Coches, a Cordoaria Nacional, O Centro Cultural de Belém, a LX Factory, a Orquestra Metropolitana de Lisboa, o Centro de Congressos de Lisboa, o Palácio da Ajuda e o Palácio de Belém – e espaços públicos verdes, de lazer e de actividades recreativas e desportivas.

Desenhando os limites Norte e Sul do terreno de projecto localizam-se a Rua da Junqueira e as Avenidas da Índia e de Brasília, respectivamente. Inserida num eixo estrutural urbano da margem ribeirinha (de carácter mais passivo que o destas avenidas), e em paralelo a esta faixa cultural, a Rua da Junqueira assume uma posição privilegiada e fulcral no entendimento deste lugar.

Mário de Sampayo Ribeiro<sup>32</sup> aponta a configuração já marcante desta rua numa descrição dos anos 30 do século passado referindo que: “a junqueira é uma rua muito extensa, que tem de uma banda: um areal, muitas árvores e

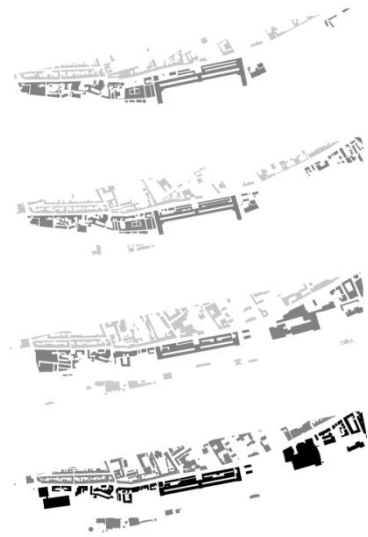


Imagem 19: Evolução da área da Cordoaria Nacional

um casarão muito comprido, pintado de amarelo; e da outra: um chafariz com uma coroa, várias casas apalaçadas e algumas quintas com grades na frente.”

32 Mário de Sampayo Ribeiro, *Do Sítio da Junqueira*, Publicações culturais da Câmara Municipal de Lisboa, 1939

De carácter forte, a extensão da Rua da Junqueira configura-se actualmente em dois troços: um estreito, que se desenvolve em linha recta, apresentando uma malha urbana densa, de pequena escala e maioritariamente habitacional; o outro, de traçado largo, curva ligeiramente para o interior da cidade e já manifesta uma escala maior – com mais espaços verdes e arborizados e edifícios públicos. Compreender o carácter de cidade e mais pedonal da Rua da Junqueira por oposição ao trânsito e impermeabilidade da Avenida da Índia, da Avenida de Brasília e da linha férrea, lança algumas directrizes da estratégia da solução urbana de projecto.

### 5.1.2 Análise diagnóstica: problemas e potenciais

Do enquadramento do existente parte-se para o reconhecimento das suas potencialidades e complexidades enquanto contexto de projecto. A identidade e o carácter histórico da zona de projecto, já assinalados através dos inúmeros edifícios de património e traços culturais associados a esta área, marcam este lugar enquanto um referencial na cidade. O palimpsesto sedimentado enuncia assim uma pré-disposição do lugar ligada à imagem desta parte da cidade.

Numa análise objectiva estruturam-se os pontos fortes e as oportunidades, pontos fracos e as ameaças – análise SWOT. Os pontos fortes desta área de projecto associam-se à sua identidade marcante e espólio patrimonial ligados a um sentido inequívoco de tradição e de memórias históricas consolidadas.

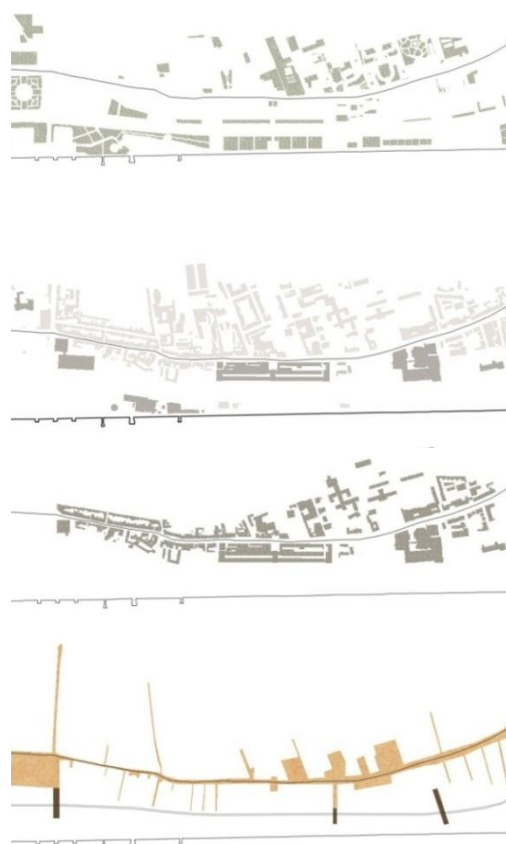


Imagem 20: Esquemas de espaços verdes, densidade e escala urbana

O vasto conjunto de equipamentos culturais, de turismo, de educação, investigação e artes, o tratamento dos espaços públicos de lazer e espaços verdes, aliados ao rio enquanto pano de fundo contribuem para a atribuição de uma dimensão e valor cénico a Belém vivido por utilizadores muito diversificados: desde famílias, estudantes, turistas a entidades ligadas ao desporto, lazer e comércio. Contrastando com esta monumentalidade é importante denotar que a Rua da Junqueira, eixo lateral ao terreno de implantação do projecto, desenha-se não como uma configuração de uma grande avenida mas resultante de acções urbanas que tornam o seu percurso ávido de acontecimentos urbanos, tais como estreitamentos, enfiamentos, tensões, alargamentos e uma malha urbana muito distinta e heterogénea.

Entre os pontos fracos identifica-se pouca permeabilidade da frente ribeirinha, no que diz respeito às passagens e atravessamentos – sobre os eixos rodoviários e ferroviários que constituem uma barreira entre a zona ribeirinha e a cidade –, um sistema de rede de transportes pouco estruturado e hierarquizado assim como acessos difíceis e de mobilidade reduzida nalgumas áreas e pouca clarificação no desenho urbano dos passeios e dos estacionamento. Associada à natureza topográfica de grandes partes do aterro da frente ribeirinha, e desta também em particular, a instabilidade dos solos tornam-na numa zona de vulnerabilidade sísmica e de inundações. Verifica-se ainda uma tendência desequilibrada de dinâmicas sazonais e o envelhecimento da população residente nesta área.

## **5.2. Proposta de projecto**

### **5.2.1 Desenho da escala urbana**

O projecto desenvolvido inscreve-se num vazio urbano situado entre a Cordoaria Nacional e o Centro de Congressos de Lisboa e, numa escala mais larga, em parte da Frente Ribeirinha de Lisboa. Neste sentido procurou-se a revitalização e requalificação desta zona abordando vários temas urbanos.



Em termos de acessibilidades, a proposta procura promover uma ligação mais forte da cidade com o rio através da reestruturação de uma das passagens pedestres que se localiza na área da proposta. A continuidade do sistema verde da colina que desce da cidade para a frente ribeirinha é mantida numa configuração de projecto que por um lado fosse permeável e que por outro tenha espaços públicos e espaços verdes de lazer que assegurem essa mesma continuidade.

Analisados a estrutura viária e os passeios públicos considera-se vantajosa e justificada a sua reestruturação a fim de reformular o trânsito de automóveis e de transportes públicos de forma a atenuar os problemas verificados nesta zona. A requalificação e alargamento dos passeios merecem uma atenção mais particularizada já que tal medida facilitaria as mobilidades operadas nos vários percursos. Na Rua da Junqueira, o eléctrico, a mover-se actualmente no eixo central, na faixa dos outros transportes públicos, surge agora com outro significado: deslocando-se encostado ao passeio torna-se “parte” deste e aproxima-se do peão. O percurso pedestre nesta rua e ao longo da faixa ribeirinha sai reforçado e o trânsito automóvel, público ou particular, desenvolve-se com mais fluidez.

Paralelamente, é repensada e reestruturada uma parte da rede viária na área do terreno de projecto. A rua que actualmente ladeia a Cordoaria pela direita passa a assumir um carácter de trânsito condicionado. Ao tornar-se um espaço de passagem prioritariamente pedonal esta rua pretende privilegiar circulação e acesso de pessoas quer à entrada da Cordoaria Nacional quer aos equipamentos e funções propostos neste projecto. No lado oposto a esta rua, entre a área de implantação da proposta e o Centro de Congressos, é traçada uma nova rua que não só escoará o trânsito desviado da passagem pedonal anteriormente referida como também contribuirá para um melhor equilíbrio na organização e estruturação do trânsito, ao proporcionar maior fluidez e mais estacionamento, atenuando o congestionamento da Rua da Junqueira. Acresce ainda o facto de permitir recentrar a entrada para o Centro de Congressos numa alternativa justificada por si mesma e reforçada pela nova edificação decorrente do projecto.

Por apresentar uma inflexão entre o Centro de Congressos e a Cordoaria Nacional, a Rua da Junqueira cria na área de projecto uma curvatura que permite um significativo alargamento do passeio nesta zona de confluência das “deslinearidades” da rua. O projecto explora esta configuração criando nesse ponto uma convergência que simultaneamente concorre para a formação de um eixo estruturante no desenho da proposta.

A malha urbana de grandes equipamentos e baixa densidade bem como a escala dos edifícios habitacionais condicionam e exigiam um projecto que equilibrasse o tecido da cidade ao construir e desenhar espaços públicos e edifícios que se integrem no estrato já construído.

### 5.2.2 Narrativa do projecto

#### Espaço público e espaços verdes

A concepção desta proposta contempla uma articulação entre o edificado e o espaço público e exterior, assumindo este último um papel de grande importância na compreensão dos temas e questões que desenham o projecto.

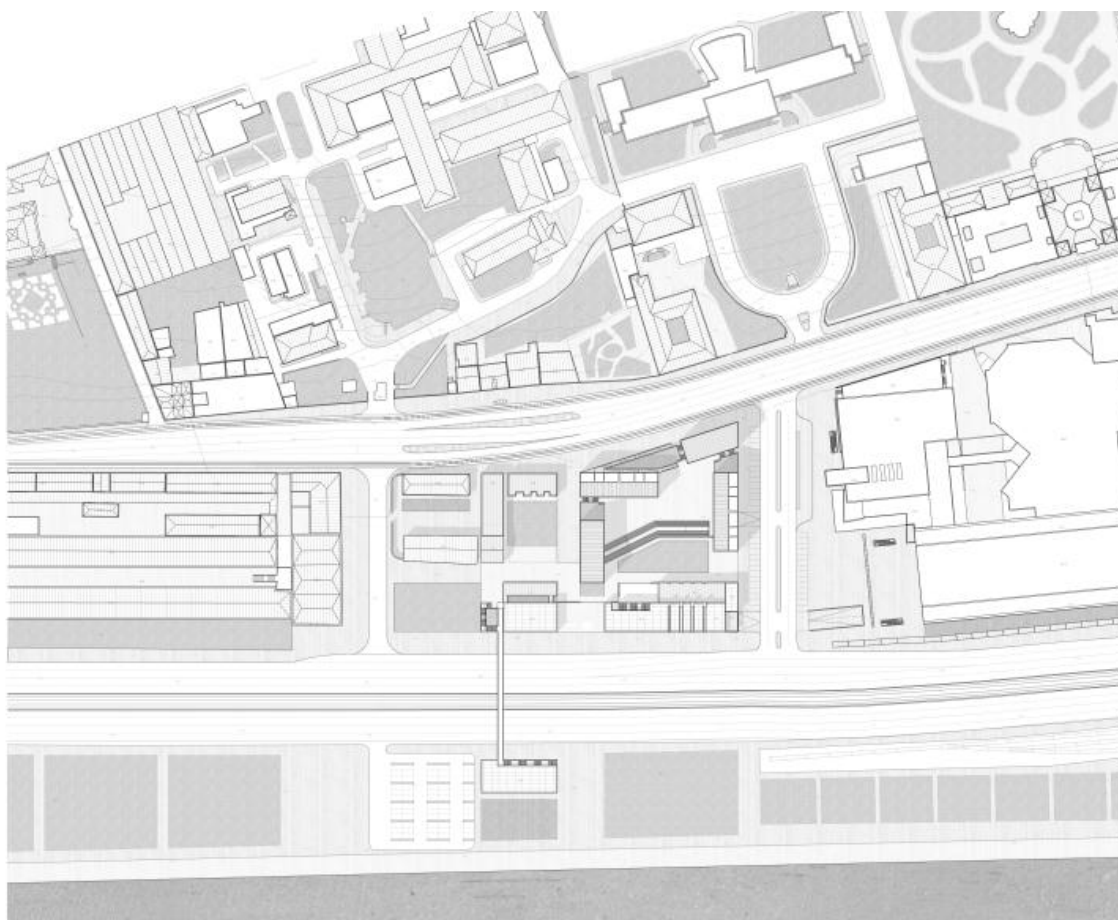


Imagem 21: Planta de implantação

Contextualizado numa situação urbana próxima de baixa densidade valorizou-se a porosidade e permeabilidade da área de projecto trazendo a cidade ao rio e o rio à cidade através da criação de eixos visuais, espaços públicos qualificados e ainda através da continuidade de espaços verdes, contrapondo com as edificações contíguas, nomeadamente a Cordoaria Nacional e o Centro de Congressos.

A estruturação do terreno de projecto tem um momento de tensão e confluência no topo norte, lugar onde se alarga o passeio pedestre, gerando um eixo, igualmente marcado e reforçado pela continuação do pavimento de calçada, que demarca um carácter mais público dos espaços e funções a oeste e um uso semi-público mais direccionado aos utilizadores da residência proposta, a este.

O espaço público, a criação de espaços exteriores grandes e abertos e o jogo de volumes e vazios, de luz e sombra, assumem um papel importante na compreensão das dinâmicas de utilização deste complexo uma vez que são catalisadores de apropriação, exploração e experimentação. Como se de uma tela em branco se tratasse, prevêem acolher diferentes actividades e eventos desde manifestações culturais e experimentação artística, espaços de projecções, performances de arte e happenings.

O espaço público estrutura-se em dois níveis e em diferentes hierarquias. O primeiro estabelece-se ao nível da rua e sub-divide-se em vários espaços, designadamente: um espaço verde com pinheiros mansos, característicos da frente ribeirinha lisboeta, localizado em frente à Cordoaria que anuncia a subida e passagem para a frente ribeirinha, um espaço de jardim que proporciona um momento mais passivo de leitura, descanso e sombra contíguo à livraria e à cafetaria, um pátio que contrapõe uma frente do edifício da administração com o edifício das oficinas e um outro largo arborizado entre a escadaria-anfiteatro e as oficinas. Num outro nível, um terraço elevado contrapõe com o espaço verde adjacente e é definido pelos edifícios das residências. Este embasamento inspira um momento de contemplação, pausa e silêncio que olha sobre o Tejo.

## Desenho de projecto

Dos edifícios existentes naquela área são preservados e reabilitados aqueles mais pertinentes que traduzem uma gradação de escala e linguagem entre a Cordoaria Nacional e a proposta. Foi revista a sua função para contemplarem alguma flexibilidade e polivalência dos espaços quanto a seu uso podendo ser utilizados para a criação de workshops conjuntamente com a Cordoaria. A sua permanência implica um diálogo com o projecto materializado através de dois edifícios que, por um lado, conferem um sentido de fechamento e, por outro, estabelecem uma relação com o desenho das coberturas.

No limite sul do terreno de intervenção os edifícios delineados actuam como uma frente para as Avenidas da Índia e de Brasília e para a linha ferroviária e, se por um lado enquadram o projecto, por outro protegem o conjunto do ruído e poluição. A sua configuração reporta à ideia de nave representada igualmente pela Cordoaria Nacional e pelo Centro de Congressos.

A parte dos edifícios de residência configura um conjunto de quatro construções que formam um embasamento ao centro. Enquanto conceito aborda-se a questão das coberturas tradicionais recorrentes na área e na Rua da Junqueira para desenhar o edificado do espaço da residência. A ideia de casa desconstrói-se e deixa de ser apenas uma casa fechada mas um espaço de partilha e colectividade.

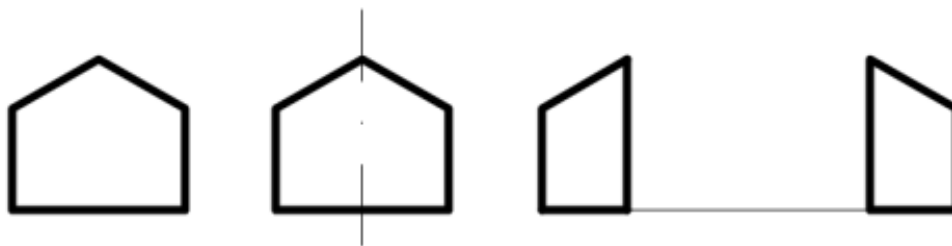


Imagem 22: Esquema do conceito de casa

## Distribuição do programa

Do contexto e disposição do lugar, enquanto zona cultural importante da cidade, parte-se desta envolvente para se delinear um programa para a proposta que se baseia na criação, por um lado, de um projecto que seja de uso comum através de equipamentos e espaços públicos para a cidade e por outro lado que garanta uma permanência naquele lugar.

Tendo em conta a oferta e riqueza cultural já referenciada neste contexto de Belém, o programa consiste na criação de um espaço de residência temporária, com todos os equipamentos de apoio e suporte, que sirva para acolher artistas que venham trabalhar nesta área, dinamizando e proporcionando intercâmbios nacionais e internacionais. A nível do domínio público, o programa prevê a reabilitação dos dois edifícios existentes para acolher *workshops*, e ainda uma livraria e uma cafetaria, ambas com dois pisos que formam entre si um espaço de estar e permanência ligado à Rua da Junqueira e à cidade. Estas funções contibuem para a revitalização da utilização pedestre da zona proporcionando espaços verdes acessíveis e uma ligação à Frente Ribeirinha.

O edificado que suporta a ponte que leva à frente ribeirinha é um espaço que acolhe uma associação cultural que programa os eventos decorridos neste complexo e ao mesmo tempo gere a residência de artistas recorrendo a acordos, nacionais e internacionais, com museus, teatros e outras entidades dispostas a produzir novos projectos culturais.

Contíguo à administração encontram-se as oficinas, um espaço com uma sala polivalente, para receber aulas de arte especializadas ou para acolher um espaço de galeria, uma nave para a construção de peças, salas de trabalho que dispõem de equipamentos para o trabalho em cerâmica, fotografia, e outras técnicas, espaços de apoio, gabinetes, salas para o armazenamento de materiais, balneários e uma estrutura que permite a entrada de luz controlada e necessária para o tipo de trabalhos a desenvolver aí.

O embasamento ligado à habitação dispõe de um estacionamento por baixo e ainda agrega os quatro edifícios que no piso inferior e no primeiro piso têm espaço de lojas, salas de arrumos e

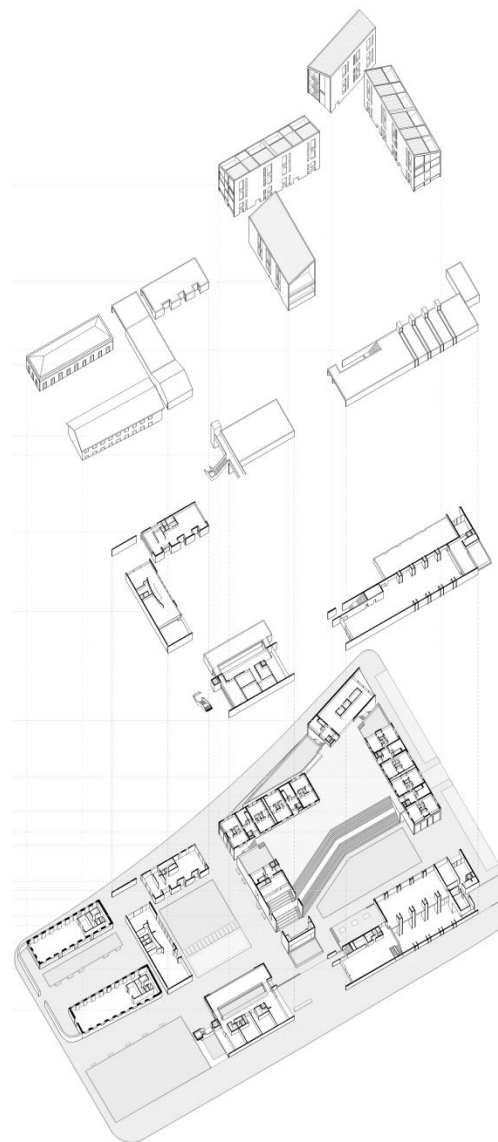


Imagem 23: Axonometria

ainda espaços comuns: uma sala exterior – anfiteatro passível de ser aberto para a rua – , bar/ copa associado e ainda um espaço de leitura/ reunião.

A residência de artistas assume-se, então, como um complexo que constitui um espaço de habitação e de criação e produção de arte proporcionando intervenções e operações sobre o espaço e uma reflexão sobre estes, onde a arte acontece, na procura de uma ideia de casa ou lugar onde habita a arte. Neste sentido o atelier, ou um conjunto de ateliers, torna-se uma alternativa ao museu, para a concepção, criação e para a exposição de obras de arte.

O conceito é baseado na ideia de um lugar criativo que, reflectindo sobre condições de luz/sombra, escala, materialidade, exposição/recolhimento e equipamentos/dispositivos, permite um lugar de encontro de pessoas interessadas em diversas actividades culturais e artísticas e procura responder às necessidades de espaço dos residentes que trabalham em artes performativas, artes plásticas, artes gráficas, como a arquitectura, a dança, a fotografia, a escultura, a pintura, a música, etc. Esta plataforma de interacção para a comunidade artística e não só, permite o envolvimento de todos numa experiência conjunta integrada de produção e geração de ideias, descobertas e projectos de arte. Ao funcionar como uma residência, cada *atelier/studio/loft* é utilizado por um tempo determinado e isso permite haver dinâmica na organização dos projectos e dos artistas convidados, cuja permanência é administrada pelas curadorias dos museus, por associações culturais ou mesmo por iniciativa própria. Este espaço funciona não apenas como palco para o reconhecimento do artista mas também como rampa de lançamento de jovens talentos, que na residência têm a oportunidade de criar e desenvolver os seus projectos pessoais, interagir e dialogar, e mesmo aprender, com todos os outros intervenientes da comunidade artística nacional ou internacional.

Na residência surgem casas-ateliers e oficinas de diferentes configurações espaciais capazes de corresponder às várias necessidades dos artistas. Diferentes tamanhos de *lofts*, salas de reunião, de reflexão, espaços de armazenamento e transporte de materiais, *workshops*, salas de máquinas e ferramentas diversas, espaços de estar e anfiteatros, entre outros, respondem aos requisitos da produção e execução de actividades variadas.

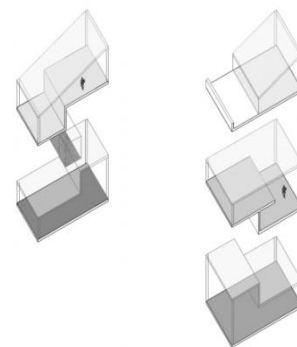


Imagem 24: Esquema tipologias residência

A configuração destas tipologias em pé-direito duplo e de face a face do edifício permite uma boa iluminação e condições favoráveis ao desenvolvimento de projectos assim como ventilação transversal e uma zona central que reúne áreas técnicas e de águas deixando livre o restante espaço. Em termos de acessos, dois dos quatro edifícios distribuem-se por esquerdo/direito, enquanto nos outros dois se acede às habitações através de um corredor de distribuição.



Imagem 25: Vista perspectivada das residências





## 6. CONCLUSÃO

Enquanto dissertação e trabalho final de Mestrado, a reflexão aqui proposta e desenvolvida actua, pela sua natureza e condicionalismos, como um ponto de referência e momento de reconhecimento que as temáticas aqui percorridas não se encerram mas sim formam matéria para, por um lado, suportar o trabalho de projecto de arquitectura anteriormente descrito e também, por outro, lançar questões para futuras investigações e estudos acerca deste tema.

Partindo das diversas premissas inicialmente delineadas enquanto objecto para esta dissertação, procura-se abordar as temáticas propostas através de uma estruturação de pensamento que de alguma forma constitua uma base de trabalho para desenvolver um espírito crítico face à disciplina de Arquitectura enquanto construtora de vivências e alicerce de culturas.

Tendo sido proposto um título e conseqüentemente uma direcção de trabalho que aponta para uma relação muito particular entre Arquitectura e Arte são abordadas questões que confluem e se entrecruzam em reflexões sobre conceitos cujos domínios semânticos oferecem amplitudes interpretativas que extravasam o sentido básico do vocábulo. A argumentação desenvolve-se sob a estruturação por capítulos que, embora com conteúdos particularizados, não se delimitam nem esgotam em si mesmos e muito menos dispensam a complementaridade de outros parágrafos do corpo do trabalho.

O significado de lugar – assumindo um carácter introdutório à abordagem do tema enquanto conceito base que surge na História do Homem como espaço inicial da construção da Arquitectura – e a interpretação de habitar consubstancializado na casa como representação desse habitar – analisando a forma como o homem se apropria e ocupa o

espaço, tornando-o singular e identitário – servem de mote para a reflexão sobre a aplicabilidade daqueles conceitos às vivências e exigências da sociedade contemporânea.

A casa, tradicionalmente ligada ao conceito de abrigo e refúgio e à qual se tende a associar uma determinada configuração arquitectónica, especialmente do interior de divisões formais e funcionais, vê o seu perímetro conceptual dilatar-se e acolher novas apropriações e modos de vida. Os lugares habitacionais de hoje convivem com novas solicitações – entre as quais um lugar de trabalho – e daí que conceptual e formalmente adquiram novos contornos.

A reflexão operada nesta dissertação e as questões aqui desenvolvidas materializam-se numa proposta de um programa arquitectural que compõe um complexo residencial direccionado para uma vertente artística implementado na Frente Ribeirinha de Lisboa. Neste lugar a vasta temática cultural desta parte da cidade convida à troca artística através de novas arquitecturas e intervenções em espaços públicos e privados bem como a novos diálogos com o habitar contemporâneo. O diálogo entre Arquitectura e Arte expressa-se a partir do significado que a casa adquire neste contexto enquanto local de atelier, conjugando o espaço de habitar com espaço de trabalho como lugar de produção e criação artística. O seu habitante, o artista, assume-se como interlocutor desse diálogo e cria a obra. O lugar onde ela nasce não é apenas o lugar de “its making”, mas também de “its maker”. Permanência e pertença alicerçam e induzem o acto criativo. A arte acontece aqui. A arte habita aqui Este é o lugar onde habita a arte.





## 7. BIBLIOGRAFIA

### Livros | Monografias:

A.A.P (Associação dos Arquitectos Portugueses). *Lisboa, a cidade e o rio: concurso de ideias para a renovação da zona ribeirinha de Lisboa*. Lisboa: APP, 1988

AA, W. *Do Habitar*. Maria Milano (coord.). 1.ª Ed. Matosinhos: ESAD (Escola Superior de Artes e Design), 2005. 180 p. ISBN: 972-98-303-2-0

ÁBALOS, Iñaki. *A boa-vida. Visita guiada às casas da modernidade*. Trad. Alicia Duarte Penna. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 2003. ...pp. ISBN: 84-252-1931-0.

BACHELARD, Gaston. *A Poética do Espaço*. Trad. António Danesi. 6.ª Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003. 242 p. Coleção Tópicos. ISBN: 85-336-0234-0

BARRACHO, Carlos, DIAS, Maria João. *O Espaço e o Homem. Perspectivas Disciplinares*. 1.ª Ed. Lisboa: Edições Sílabo, 2010. ISBN: 978-972-618-579-6

MATEUS, José. "A Casa" in SARDO, Delfim (ed.), *Falemos de Casas: entre o Norte e o Sul*. Lisboa: Athena, 2010. Trienal de Arquitectura de Lisboa. ISBN: 978-989-31-006-6. 29 p.

O'DOHERTY, Brian. *Inside the White Cube*. Expanded Edition. Berkeley: University of California Press, 2007. 113 p. ISBN: 0-520-22040-4

RADKOWSKI, Georges-Hubert. *Anthropologie de l'habiter: vers le nomadisme*. Paris : PUF, 2002. 23-33 pp. ISBN: 2-13-052395-1

SANTIAGO BAPTISTA, L.; PACHECO, P. "Falemos de Casas... em Portugal" *in* SARDO, Delfim (ed.), *Falemos de Casas: entre o Norte e o Sul*. Lisboa: Athena, 2010. Trienal de Arquitectura de Lisboa. ISBN: 978-989-31-006-6. 84-135 pp.

SARDO, Delfim. "Prefácio" *in* *Falemos de Casas: entre o Norte e o Sul*. Lisboa: Athena, 2010. Trienal de Arquitectura de Lisboa. ISBN: 978-989-31-006-6. 35-43 pp.

SCHONAUER, Norbert. "Studio apartment houses" *in*: *6000 years of housing*. Nova Iorque: W.W. Norton & Company, 2000. 502p. ISBN: 0-393-73052-2. 339-340 pp.

STEELE, James. *Salk Institute, Louis I Kahn*. Londres: Phaidon Press Limited, 1996. Coleção: Architecture in Detail. ISBN: 0-7148-2914-5

STERN, Robert A.M. "Duplex and Studio Apartments" *in*: *New York 1900: Metropolitan architecture and urbanism: 1890-1915*. Nova Iorque: Rizzoli, 1995. 502 p. ISBN: 0-8478-1934-5. 295-298 pp.

#### **Publicações Periódicas:**

BRITO DA SILVA, Paulo. "A concha inicial" *in*: *O habitar*. Setentas de Arquitectura. Nº2, 1999. Lisboa: Editora Universidade Lusíada. ISSN: 972-8397-07-0. 61-64 pp.

CALADO, Maria. "A cidade como obra de arte – visões e ficções" *in*: *AR: Cadernos da Faculdade de Arquitectura da UTL*. Nº6: Julho 2006. Lisboa: CIAUD (Centro de Investigação em Arquitectura, Urbanismo e Design). ISSN: 1645-2844. 86-91 pp.

GREGORY, Rob. "Quantum Leap" *in*: *The architectural review. Building for the arts*. Nº1288, Junho 2004. London: The Architectural Press. ISSN: 0003-861. 65-69 pp.

JANEIRO, Pedro. "Habitar: o Estar-Entre" *in*: *AR (Cadernos da Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa) – Arquitectura entre as artes, para-arquitecturas*. Nº6: Julho 2006. Lisboa: CIAUD (Centro de Investigação em Arquitectura, Urbanismo e Design). ISSN: 1645-2844. 162-167 pp.

OLIVEIRA, Francisco. "Topogénese e a Poética do Lugar" *in*: *A Poética do Espaço e a Construção dos Lugares Públicos*. Artitextos. Nº5: Dezembro 2007. Lisboa: CEFA (Centro

Editorial da Faculdade de Arquitectura) e CIAUD (Centro de Investigação em Arquitectura, Urbanismo e Design). ISSN: 978-972-9346-03-3. 138-140 pp.

PEREIRA, Sandra Marques. "Pressupostos ideológicos da casa actual: o espaço como veículo do ideário moderno" *Cidades: Comunidades e Territórios*. Nº8: Junho 2004. Lisboa: Centro de Estudos Territoriais/ISCTE. ISSN: 1645-0639. 77-93 pp.

SANTIAGO BAPTISTA, Luís. "Habitar Colectivo" *in: Arquitectura e Arte*. Nº58: Junho 2008. Lisboa: Futurmagazine Sociedade Editora. ICS: 124055. 8-11 pp.

TOUSSAINT, Michel. "Conceitos de habitar em arquitectura" *in: O habitar*. Sebentas de Arquitectura. Nº2, 1999. Lisboa: Editora Universidade Lusíada. ISSN: 972-8397-07-0. 55-59 pp.

#### **Teses | Dissertações:**

CARDOSO LIMA, Francisco. *O atelier enquanto lugar e processo de criação artística*. Aveiro: Departamento de Comunicação e Arte, Universidade de Aveiro, 2007. Texto policopiado. Tese de Mestrado. 83-94 pp.

FARIA, Célia. *A construção do lugar arquitectónico. A significação da forma arquitectónica na perspectiva da experiência do sujeito*. Lisboa: Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa, 2009. Texto policopiado. Tese de Mestrado.

OLIVEIRA, João Pedro. *Os novos lugares do habitar e as formas de apropriação contemporâneas*. Lisboa: Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa, 2001. Texto policopiado. Tese de Mestrado. Volume I. 11-12, 85-105 pp.

SANTOS, Jorge. *O lugar da arte: museu, arquitectura, arte e sociedade*. Lisboa: Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa, 2002. Texto policopiado. Tese de Mestrado.

#### **Artigo em Actas de congressos:**

HEIDEGGER, Martin. "Vorträge und Aufsätze, Günther Neske Pfullingen" in *Neue Darmstädter Verlagsanstalt*. Colóquio de Darmstadt II – Homem e Espaço. Darmstadt, 1951. Tradução: Carlos Botelho, revisão: Pedro Abreu. 145-162 pp.

SAMPAYO RIBEIRO, Mário de. *Do sítio da Junqueira*. Conferência nos Paços do Concelho, 1939. Publicação cultural da Câmara Municipal de Lisboa, 1939.

**Documentos electrónicos:**

BLUM, Andrew. *ART; a Serra sculpture emerges from its tomb*. (Em linha). (Consult. 21 Abril 2011) Disponível em: <http://www.nytimes.com/2003/11/23/arts/art-a-serra-sculpture-emerges-from-its-tomb.html?pagewanted=all&src=pm>

DAVID, Márcia. *O Lugar da Arte*. in: *Arquitextos* nº068.05, Janeiro 2006. ISSN: 1809-6298. Artigo baseado na dissertação de mestrado de Márcia David: *O lugar da arte: o caso do projeto do Ministério da Educação e Saúde Pública, Rio de Janeiro, 1935/1945*. São Paulo, FAUUSP. (Em linha). (Consult. 26 Setembro 2011) Disponível em: <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/06.068/391>

SAIEH, Nico. *Songzhuang Artist Residence / DnA*. (Em linha). (Consult. 10 Março 2011) Disponível em: <http://www.archdaily.com/35696/songzhuang-artist-residence-dna/>

SANTIAGO BAPTISTA, Luís. *No place like... home: Reflexões em volta do habitar contemporâneo em Portugal*. Bienal de arquitectura de Veneza 2010, Exposição Portugal: "No place like". (Documento cedido por Pedro Pacheco).



## 8. ANEXO I – DESENHOS TÉCNICOS



## 9. ANEXO II – FOTOGRAFIAS DAS MAQUETES

